MUDAR O MUNDO É A NOVA ALFABETIZAÇÃO

Jovens Transformadores estão presentes em diversos lugares e contextos sociais, independentemente de raça, gênero, crença, nível de instrução ou identidade. Já descobriram seu poder para promover mudanças sociais e estão prontos para assumir o papel de articuladores das juventudes que trabalham em prol do bem comum.

Fazer parte da rede de Jovens Transformadores Ashoka significa integrar-se a uma comunidade de pessoas que assumem a responsabilidade de contribuir com sociedades mais justas, equitativas e sustentáveis. Essas pessoas criam soluções e transformam estruturas sociais para que o mundo seja um lugar melhor para todas as formas de vida.

Se você acredita no poder do trabalho coletivo e está fazendo a diferença ao apresentar as suas ideias para transformar instituições, políticas públicas e práticas sociais, então você já é uma pessoa transformadora. Venha se juntar a nós e ampliar ainda mais seu potencial de impacto social.

Jovens Transformadores Histórias

ASHOKA

MUDAR O MUNDO É A NOVA ALFABETIZAÇÃO

JOVENS transformadores HISTÓRIAS

ASHOKA

1ª edição
Brasil | 2023

Agradecimentos e Créditos

Este livro foi idealizado pelo Jovem Transformador **Marcelo Borges** com o propósito de inspirar outros jovens a criar mudanças positivas no mundo que os cerca e, assim, contribuir com a propagação do movimento **Um Mundo de Pessoas que Transformam**. Marcelo contou com o entusiasmo de outros **22 Jovens Transformadores Ashoka,** que se dispuseram a escrever as histórias que você conhecerá nas próximas páginas.

COLABORADORES

Andrea Margit
André Portela
Débora Alves
Helena Singer
Mariana Nakajuni

PROJETO GRÁFICO

Rec Design

Queremos agradecer ainda a todos os pais, familiares ou responsáveis, professores, gestores de escolas, líderes comunitários e outras pessoas que têm colaborado com os processos de aprendizagem desses jovens. Diariamente, vocês criam as condições para que crianças e jovens se percebam capazes de navegar num mundo de aceleradas mudanças e se tornem potentes para moldar melhores ambientes, instituições e oportunidades de convivência. Esperamos que se reconheçam nestas histórias!

Sumário

Introdução: O encontro com Jovens Transformadores **8**

Histórias de Jovens Transformadores **12**

Aisha Paz *Fortaleza (CE)* 13
Alfredo Neto *Passira (PE)* 20
Beatriz Diniz *Rio de Janeiro (RJ)* 25
Beatriz Lacerda *Belém (PA)* 30
Carlla Vicna *Manaus (AM)* 37
Clara Beatriz *Irecê (BA)* 48
Felipe Rocha *Rio de Janeiro (RJ)* 52
Gabriel (Kenai) Santos *Altamira (PA)* 56
Hudson Terra *Curitiba (PR)* 61
Juliana Pinho *Macaé (RJ)* 67
Lívia Silva *Capanema (PA)* 74
Luan Torres *São Bento do Una (PE)* 81
Luiz César da Silva *Mata Grande (AL)* 85
Luiz Henrique Ferreira *Santarém (PA)* 92
Luiza Louback *Belo Horizonte (MG)* 96
Marcelo Borges *Aparecida do Rio Doce (GO)* 99
Maria Clara *Itabira (MG)* 106
Mariana Nunes *Conceição do Almeida (BA)* 112
Midria *São Paulo (SP)* 119
Rhenan Cauê *Araguatins (TO)* 124
Rian Santos *Cachoeira do Arari (PA)* 128
Vinnicius Rodrigo *Recife (PE)* 131
Vitor Zanelatto *Atalanta (SC)* 136

Inicie a sua Jornada Transformadora **140**

Introdução:

O encontro com

Jovens Transformadores

Helena Singer

@lena_sin.ger
Líder da Estratégia de Juventude da Ashoka

A Ashoka iniciou o programa de Jovens Transformadores em 2018, trazendo para a sua comunidade duas jovens: uma da Índia e outra da Indonésia. Havíamos começado a articular um movimento social alguns anos atrás, um movimento conhecido como **Um Mundo de Pessoas que Transformam** (ou *Everyone a Changemaker*, em Inglês), que busca criar oportunidades para que todas as pessoas jovens possam realizar seu poder de transformação. Fazia sentido, então, que trouxéssemos jovens para liderar o movimento.

Depois da Índia e da Indonésia, o programa se expandiu para os Estados Unidos, Brasil, Bangladesh e Nigéria. Hoje, mais de 120 jovens desses países lideram o movimento. No Brasil, a comunidade é formada por trinta jovens e, no momento em que escrevo este texto, um novo processo de reconhecimento está em curso. São novos jovens líderes da mudança entrando na roda!

O processo de busca e reconhecimento é, ao mesmo tempo, uma jornada de autoconhecimento e integração à comunidade Ashoka, que é a pioneira e uma das maiores redes de empreendedores e inovadores sociais do mundo. Para participar desta jornada, a pessoa precisa ter de 12 a 19 anos, ter se sensibilizado em relação a alguma causa social, ter criado uma forma de transformar o que gera desigualdades e conflitos, ter engajado outras pessoas na sua ideia e causado algum impacto positivo.

Para formar a primeira turma de Jovens Transformadores Ashoka, pedimos indicações dos membros de nossa comunidade, principalmente empreendedores sociais e escolas transformadoras. A partir da segunda turma, os principais nomeadores foram os próprios jovens. E ninguém melhor do que Jovens Transformadores para criar pontes entre a Ashoka e outras pessoas jovens que já estão fazendo a diferença.

Jovens interessados em liderar o movimento preenchem um formulário se apresentando. Os primeiros a ler esses formulários são os Jovens Transformadores Ashoka. Cumpridos os critérios (ter uma ideia, uma equipe e impactos iniciais), iniciam-se as entrevistas. Este processo dura alguns meses, período no qual os jovens conversam com membros da equipe Ashoka no Brasil e também com Jovens Transformadores de pelo menos outros dois continentes. As conversas giram principalmente em torno do assunto que mais sensibiliza os jovens e suas experiências de transformação.

Depois, eles participam de reuniões com os outros candidatos, membros da equipe da Ashoka global e nossos parceiros estratégicos. Nesses encontros, o tema principal é o que podemos fazer juntos para que o Brasil seja um país em que todos os jovens possam ter a experiência de transformar a realidade para o bem de todas as pessoas. A etapa final é um Painel, um encontro presencial em que cada jovem passa por entrevista com um trio formado por representantes da comunidade Ashoka: Empreendedor Social, Jovem Transformador e Parceiro Impulsionador do movimento **Um Mundo de Pessoas que Transformam**.

Em qualquer das etapas, se a conclusão é que a pessoa ainda não apresenta as características de Jovem Transformador Ashoka, ela é então convidada a participar do movimento de outras formas e recebe um feedback com sugestões para ampliar sua potência transformadora. O que importa é ampliar o movimento e garantir que todos possam exercitar a potência da qual já são portadores. Seguimos juntos!

Histórias de

Jovens Transformadores

Aisha Paz

@demaosdadasorg
Fortaleza (CE)

Em 1° de novembro de 2002, eu nasci praticamente na portaria do Hospital Distrital Gonzaga Mota, em Fortaleza (CE), boas semanas antes do previsto. Minha mãe me disse uma vez que eu era tão aperreada para conhecer tudo e todos, que tinha nascido prematura. Gosto de acreditar que foi aí que começou minha jornada. Uma mãe adolescente em uma periferia qualquer com uma criança com sede de viver.

Ainda no resguardo, minha mãe ia à escola para fazer provas, entregar trabalhos e tentar concluir o ensino médio. Eu sempre a acompanhava e, como **"estudante-assistente"**, ouvia os mais diversos assuntos, passeava de carrinho nos intervalos e segurava sua mão nas provas mais difíceis.

Sempre achei que esse era o motivo pelo qual eu era tão apaixonada por comunicação. Todas as minhas relações primárias partiam da necessidade de me conectar e empoderar aqueles ao meu redor.

Aos cinco anos, aprendi a ler sozinha com o auxílio de uma lista telefônica. Aos sete, falava com confiança as primeiras palavras em Inglês, que tinha ouvido por acaso naqueles cursos em CD que você ganha em revistas. Meu mundo tomava forma por meio da alfabetização e, o que era apenas um espaço, se tornou um sonho. Em um período de tantas conquistas sociais, era fácil me sentir esperançosa.

Podia me ver ganhando medalhas e colecionando boletins admiráveis; recebendo auxílios assistenciais, me beneficiando de cotas sociais e participando de um mundo com empregos para todos. Talvez, porque eu tenha nascido nesse mundo, minha família e eu cogitamos que, talvez, fosse meu direito conquistá-lo.

Ainda assim, percebi cedo que quase nada foi pensado para pessoas como eu. Cruzávamos a cidade para ir a praia, ver o paredão azulado que batiza o nosso estado. Quanto mais eu tinha novas experiências, mais certa ficava de que queria ir além. Eu queria um carro para andar por aí, queria professores para todas as aulas, livros, sorvete nos fins de semana e menos nomes conhecidos no jornal.

Queria não entrar para as estatísticas, me tornar um número e enfrentar a decepção gigantesca de perceber que, apesar de estarmos 10 passos à frente de ontem, ainda estávamos milhares de passos atrás do que era digno. A educação, contudo, continuava sendo a minha fonte de força. Na escola, eu era o boletim perfeito, a líder de classe e a gremista. Quem conseguiria tirar isso de mim?

Aos catorze anos, durante uma aula de História, um professor pediu para que nós subíssemos na cadeira e proclamássemos o nosso maior sonho. Com toda a simplicidade, eu falei que queria viajar para fora do país no fim do ensino médio e ter um cachorro chamado Otto Octavius, como meu vilão favorito dos quadrinhos.

Parece algo idiota agora, mas juntos, meus desejos eram os objetivos norteadores da minha vida até ali. Por um ano, até esqueci dessa aula e prossegui com a minha vida como se nada pudesse me parar. Então, em um intervalo qualquer, citamos esse momento e meu melhor amigo me disse que ele havia ouvido uma colega dizer **"Se bobear, ela engravida e vira caixa de supermercado igual a mãe dela"**.

Um comentário tão bobo e insensível. E, eu me vi imediatamente presa dentro de um ciclo doloroso de maternidade precoce e miséria. Não conseguia falar ou pensar em qualquer outra coisa. Não tinha percebido antes o que os olhos curiosos diziam silenciosamente e como até mesmo meus sonhos mais alcançáveis pareciam ser uma piada para meus colegas e professores.

Para toda a comunidade escolar, que eu julgava tão bem me acolher, eu nunca seria nada além do que aquela menina que quinze anos antes caminhava pelos corredores como um bebê irritado, com cólica. O pesadelo que vivi foi uma realidade para as

últimas cinco gerações da minha família, assim como para 400 mil meninas brasileiras naquele mesmo ano e, mesmo quando todas pareciam entender, eu nunca havia me sentido tão sozinha.

Sem forças para suportar tanto julgamento e ostracismo, apenas uma pessoa poderia ter a resposta para isso: minha mãe. Ao perguntar a ela o que a fez fazer uma prova de Matemática quinze dias depois de eu nascer, quando todos ainda direcionavam um olhar de pena e nojo a ela, escutei: **"Você segurou minha mão o tempo todo"**. Suas palavras despertaram algo em mim.

Segurando a mão dela, decidi quebrar esse ciclo. Resolvi pegar a caneta de volta e escrever o futuro que queria. E mais, resolvi dar um jeito de segurar a mão de todas as meninas que se sentiam condicionadas a serem – e por serem – mães. Queria que todas tivéssemos um espaço no mundo que eu tanto ansiava pertencer.

Estudando Enfermagem durante o ensino médio, descobri as falhas no sistema de saúde. Em Fortaleza, Ceará, em 2019, foram registrados nascimentos de 4.324 filhos de mães com idade entre 10 e 19 anos. Ao analisar essa situação, tendemos a ignorar as mães como se apenas a criança fosse vulnerável quando, quase sempre, a mãe ainda é uma criança. Não há um trabalho eficiente de prevenção do Sistema Único de Saúde para oferecer educação em saúde de qualidade ou apoio pós-parto às adolescentes.

Além disso, o sistema educacional se recusa a incluir aulas de educação sexual ou aconselhamento dentro das escolas, permitindo que tabus sejam difundidos como fatos. Essa negligência fazia meu sangue ferver e meus pés tomarem seu próprio rumo. Instintivamente, eu comecei a tomar iniciativa. Tão natural quanto respirar era agora minha luta pelos direitos de saúde das meninas.

Em 2020, meu trabalho me levou aos Estados Unidos, como Jovem Embaixadora do Ceará. Um dos meus sonhos bobos, humilhado e esquecido, era agora realidade. Jamais serei capaz de agradecer suficientemente à minha professora, Simone Vieira, por me convencer que eu era capaz e por mudar completamente a minha vida com sua insistência louvável.

A partir dessa experiência, retornei ao Brasil com um canvas de negócio intitulado **De Mãos Dadas** e uma indicação de outro Jovem Embaixador: Por que não se inscreve para a Ashoka? Apesar de todo o trabalho que operei anteriormente, gosto de evidenciar o que construí depois desse capítulo específico da minha vida.

Sem os Jovens Embaixadores, eu nunca teria consolidado a construção da rede **De Mãos Dadas**, que hoje é uma iniciativa de informações e suporte reprodutivo para meninas, do jeito que eu sonhei. Sem o incentivo dos Jovens Embaixadores, eu também nunca teria me inscrito no processo seletivo dos **Jovens Transformadores Ashoka**.

Em 2021, fui reconhecida como Jovem Transformadora Ashoka e me associei a uma rede global de líderes incríveis, dispostos a transformar verdadeiramente comunidades e aumentar a potência de todas as pessoas.

Apesar de nunca ter encontrado a maioria desses líderes pessoalmente, me senti livre para falar dos meus sonhos, dos desafios e dos planos que eu tinha para transformar a realidade que eu compartilhava com a minha comunidade. Minha jornada se tornou mais visível para o grande público; ganhei parceiros e potencializei meu trabalho.

Em 3 meses, eu tinha sido aprovada em dois cursos de verão nos Estados Unidos; em seis, eu liderava o movimento Livres Para Menstruar no Ceará e representava a maior organização de

equidade menstrual do globo, *The Pad Project*, como Embaixadora de Saúde Pública. Em um ano, recebi a carta de aceitação de uma das melhores faculdades dos Estados Unidos, a Wellesley College.

Não gosto de vender minha evolução como se fosse um negócio de pirâmide. Existe um trabalho gigantesco por trás das mais de 115 mil pessoas impactadas pelo meu trabalho. Somente na **De Mãos Dadas**, 19 meninas atuam de forma interdisciplinar em três grupos de trabalho, coordenando ações presenciais e virtuais de sensibilização, educação e integração de meninas com conteúdos de saúde mental, sexual e reprodutiva, assim como projeto de vida, oratória e habilidades socioemocionais.

Além de educar, defendemos os direitos de saúde das meninas, desenvolvendo projetos de lei e fazendo pressão política. São várias arrecadações, palestras, rodas de conversa, campanhas de artivismo e de advocacy. Por mais que precisemos, odiamos férias e feriados e sempre acabamos perdendo público quando paramos nossas atividades, nem que seja por um fim de semana.

É difícil conservar a motivação quando a desigualdade social parece estar aumentando e quando vemos tão pouco avanço na promoção dos direitos humanos neste país, que há séculos busca ser símbolo de progresso. Ainda assim, nosso propósito se mantém firme diante das adversidades, afinal, todo passo dado é um a menos para o retrocesso.

Uma das coisas mais valorosas que eu gostaria que as pessoas soubessem sobre minha caminhada é que desde o primeiro momento, eu fui feita para ser alguém simples.

Minha história começa como qualquer outra no Brasil, uma mãe adolescente em uma periferia qualquer, carregando consigo uma criança com sede de viver.
Não se trata de sobreviver ou de resistir.
Eu queria viver.

Meu propósito veio da necessidade de me conectar e pertencer e tudo o que eu fiz até agora foi lutar pelo direito de ter um lugar ao sol.

Reconheço que para mudar o presente será preciso muito mais do que uma Aisha e não tenho vergonha nenhuma de dizer que meu trabalho é pouco perto do que precisamos. Precisamos de mais soluções, de mais representatividade e mais ação. Já dizia minha avó: **"uma andorinha só não faz verão"**, então um líder somente não é capaz de transformar a realidade de todos. Por isso, escrevo essa história para todos aqueles que ousam sonhar com o mínimo de dignidade, porque em vocês reside o poder de mudar o mundo.

Alfredo Neto

@vaiexperience
Passira (PE)

A vida em Passira, uma pequena cidade do Nordeste do Brasil, nunca foi fácil, mas piora em dias chuvosos. Como é o caso em muitas partes do Brasil, as ruas ficam lamacentas e inundadas. A história que vou contar aconteceu em um desses dias. Eu tinha saído de casa e estava andando pela lama do lado de fora quando vi algumas pessoas sentadas na calçada.

Ouvi a conversa delas, em que comparavam suas vidas com as dos americanos e de habitantes de países desenvolvidos, principalmente no Hemisfério Norte. Uma delas disse algo que me fez parar. Não consigo lembrar suas palavras exatas, mas era algo sobre querer deixar esta terra e nunca mais olhar para trás. Por que essa pergunta capturou minha atenção, você pode me perguntar. Foi que ela me levou a outra pergunta: Com quem eu, Alfredo Neto, comparo a minha vida?

Depois de refletir bastante sobre isso, cheguei à conclusão de que gosto de comparar minha vida a um quebra-cabeça. Quando estou trabalhando para resolvê-lo, faço isso dos cantos ao centro, com o intuito de criar um quadro mais geral.

A língua inglesa também funciona pra mim como um quebra-cabeça. Mais de uma vez, tive que trabalhar em várias peças ao mesmo tempo para interpretar textos e falas ou para formar frases, reorganizando as peças em minha mente. E, por mais difícil que seja, fico determinado a entender quem realmente sou e onde posso chegar.

Primeiro desafio: Aqui em Passira não havia escolas de Inglês. As mais próximas ficavam em municípios vizinhos. Como meus pais não podiam pagar aulas particulares, eu estava sozinho. Os livros da biblioteca pública e a internet eram as únicas ferramentas à minha disposição.

Depois de compreender a língua inglesa, conquistei uma oportunidade única. Fazer um programa de intercâmbio chamado *Win The World* ou Ganhe o Mundo, do Governo do Estado de Pernambuco, onde fui aceito depois de passar por um processo seletivo. Recebi, então, uma bolsa de estudos para passar um semestre nos Estados Unidos.

Segundo desafio: Ao buscar mais peças do quebra-cabeça, agora nos Estados Unidos, me deparei com um novo obstáculo: conciliar as diferenças sociais gritantes entre meu novo ambiente e o lugar de onde vim. Na Lennard High School, na Flórida, os alunos estacionavam seus carros luxuosos e viajavam para o exterior durante as férias, totalmente diferente do meu estilo de vida no Brasil, onde eu caminhava quase uma hora para chegar à escola diariamente. Eu tinha ido para os Estados Unidos para obter uma educação melhor e, com sorte, fazer faculdade, coisas que só os mais ricos de Passira podem fazer.

Terceiro desafio: Ao retornar à minha cidade no Brasil, eu estava sentindo um impulso novo e irrefreável. Queria construir mais do que a minha própria história, eu queria permitir que outros fizessem o mesmo. Com esse objetivo em mente, iniciei o **Projeto Vontade de Aprender Idiomas** ou **VAI**, que seria a primeira escola de idiomas em Passira.

Lá, meus amigos e eu começamos a ensinar inglês e espanhol para 124 alunos de baixa renda. Esse projeto prosperou e atraiu a atenção da mídia. Trouxe a visita da prefeita da cidade à sede do projeto, o que gerou ainda mais entrevistas para a rádio local e para um jornal estadual.

Continuei meu trabalho voluntário, ampliando o VAI. Eu sei que é apenas uma pequena peça de um quebra-cabeça muito maior e que há muito mais a ser feito.

Com o desenrolar do projeto, alguns estudantes começaram a desistir das aulas. De 124 alunos, caímos para 100. E, depois de 100 para 70. Como uma forma de entender o que estava acontecendo, fizemos uma pesquisa de campo.

Ao conversar com os estudantes evadidos, eles relataram: **"Inglês não é pra mim"**, ou até mesmo **"meus pais nunca aprenderam a ler e a escrever a língua Portuguesa, como eu posso ousar a dominar outra língua? Isso está fora da minha realidade!"**

Diante dessa situação, reuni o meu time e concluímos que oferecer somente aulas de idiomas não era suficiente. Quem se envolve com trabalho social aprende a exercitar a escuta ativa. É preciso ouvir as necessidades da nossa comunidade. Dessa forma, podemos alcançar mudanças realmente práticas e que funcionam.

Entendemos então que era preciso oferecer um currículo que combinasse o ensino de línguas estrangeiras com o aprendizado de habilidades socioemocionais e de autoconhecimento. Assim, os estudantes iriam entender que são capazes de alcançar o que quiserem, desde que se apresentem as oportunidades diante deles.

Começamos a trabalhar não como uma terapia, mas de forma terapêutica. Criamos um espaço para os estudantes falarem sobre os seus sentimentos, medos e inseguranças diante do aprendizado de uma nova língua. O que é, cá entre nós, super comum! Hoje temos estudantes mais confiantes em si mesmos, aprendendo não só a se conectar com outras pessoas de outros lugares do mundo, mas antes disso a se conectar consigo mesmos.

Em suma, meu objetivo fundamental é ajudar minha comunidade a superar desafios, como pobreza e desigualdade, por meio da educação e faço isso juntando mais peças desse meu quebra-cabeça, como fiz quando fui aprovado, em 2019, para o *International Youth Summit* em Laore, no Paquistão, representando o Brasil em uma conferência de liderança jovem. E pouco tempo depois, em fevereiro de 2020, juntei as peças de outro quebra-cabeça para viabilizar a participação na primeira academia da *Latin*

American Leadership Academy (Academia de Liderança da América Latina), na Colômbia. O que me inspira é saber que a educação pode transformar a vida de uma pessoa.

Quando penso novamente na conversa das pessoas que ouvi na calçada da minha cidade, entendo que ela precisam saber que o poder de mudar o estado das coisas começa dentro delas. O desejo da mudança é a força motriz. Também é uma fome por conhecimento. Esse incrível poder que emana da educação: o poder de mudar vidas.

Com base em tudo o que vi e vivi até agora, estou inspirado não apenas a aproveitar meu potencial, mas proporcionar que outras pessoas sintam o mesmo. Pois eu sou a prova viva disso.

Beatriz Diniz

@elzas.br
Rio de Janeiro (RJ)

Eu me chamo Beatriz, mas podem me chamar de Bia. Nasci na cidade do Rio de Janeiro, porém fui criada a maior parte da minha vida no Sul do Brasil. Depois de uns bons anos congelando em Curitiba eu me mudei de volta para a minha cidade natal, onde moro até hoje.

Por um tempo eu tive uma relação turbulenta com essa mudança. Começar uma nova vida em um lugar que não conhecemos pode um tanto ser desafiador. No início eu não sentia que pertencia a esta cidade, me sentia deslocada e sem conseguir ver as boas oportunidades que ela tinha para me oferecer, pois para mim os dias eram acinzentados e borrões de uma rotina sem muitas emoções. Só que tudo mudou quando eu encontrei o meu propósito.

O ano era 2019, eu estava rolando o meu feed do Instagram despretensiosamente, quando surgiu uma recomendação de uma publicação com o seguinte anúncio em letras garrafais: **"Venha para o 1° encontro do Girl Up Elza Soares, projeto pela Igualdade de Gênero da Zona Norte do Rio"**. Imediatamente, fiquei curiosa para saber mais, então quando li os detalhes do convite foi como se eu tivesse ouvido um estalo e uma voz dizendo: **"É isso"**, era como se eu tivesse encontrado a peça que estava faltando.

Porém, outros sentimentos vieram à tona: os de dúvida e autocrítica. Será que eu era capaz? Será que sou tímida demais? Será que a minha pouca experiência é um empecilho? Só que eu estava cansada de me sentir daquela forma e queria algo novo que me motivasse. Então respirei fundo e decidi tomar coragem para dar esse primeiro passo.

Com o tempo eu aprendi que existem certos momentos-chaves na nossa vida onde tomamos uma decisão, seja ela grande ou pequena. E esses momentos podem ter um impacto forte em nossa trajetória. Para mim ir nesse encontro foi um desses momentos chave.

Foi dessa forma que o **Girl Up Elza Soares** ia nascendo: um grupo de jovens meninas, que nunca haviam se visto antes, se encontram em um parque para falar sobre suas vivências,

desigualdades e dificuldades que permeiam suas vidas. E, por fim, como poderiam tentar mudar pouco a pouco os problemas que as afligem.

A princípio, nosso grupo tinha o objetivo de ser um espaço seguro de troca e de aprendizado, onde podíamos desabafar sobre situações que tínhamos enfrentado e como juntas podíamos nos apoiar.

Contudo, com o passar do tempo, me foi dada a oportunidade de assumir um cargo de maior liderança no projeto e com isso comecei a notar a necessidade de me desenvolver e me capacitar como líder, para que eu estivesse preparada para desafios cada vez maiores.

Não posso dizer que foi fácil, mas fui fazendo e errando, várias e várias vezes, até compreender que o que realmente importa não é obter resultados grandiosos. Mas, é a gente aprende durante todo o processo. Foi com essa mentalidade que guiei o meu projeto para algo inusitado. Na época, mal sabíamos das repercussões que iríamos gerar!

Tudo começou no início da pandemia. A rede de líderes da qual eu fazia parte começou a debater sobre um assunto pouco falado à época, a pobreza menstrual. Um dos nossos maiores questionamentos era a importância de incluir absorventes nas cestas básicas, pois até então esse item não era considerado algo de primeira necessidade pelas instituições do Estado.

Foi dessa forma que surgiu a campanha chamada **#AbsorventeUrgente**, adotada por vários outros projetos em diferentes estados. Aqui no Rio de Janeiro, a nossa campanha teve foco na realização de uma arrecadação financeira para comprarmos pacotes de absorventes, que seriam posteriormente destinados para organizações parceiras que doassem cestas

básicas em comunidades carentes. Com isso, conseguimos impactar, em um mês, mais de 1.500 pessoas e garantir a dignidade menstrual delas.

Passado esse mês, nosso projeto se reuniu para vermos a viabilidade de realizar a campanha por mais um mês. Existiam vários prós e contras para que isso ocorresse. Por um lado, havia a necessidade de continuarmos nosso trabalho, pois com a pandemia havia uma crescente dos índices de vulnerabilidade social. Além disso, as pessoas menstruam recorrentemente e as doações têm que ter continuidade.

Por outro lado, nossa equipe não era grande o suficiente para atender à demanda da nossa região. Foi dessa forma que chegamos a uma conclusão: para aumentar o alcance das nossas ações e encontrar soluções efetivas para combater a pobreza menstrual na nossa região, era necessário cobrar o poder público.

Então, nossa primeira dúvida foi **"E aí, como fazemos isso?"**. É comum que nós, jovens, ao pensar em política, tenhamos essa sentimento de afastamento, pois muitas vezes nos dizem que política não é para nós e que temos pouca experiência para opinar. Dessa forma, foi todo um processo de nos entendermos capazes de cobrar aqueles que estão em uma posição de poder e que podemos nós mesmas fazer política.

Tendo isso em vista, nossa equipe se dedicou primeiramente a conhecer os deputados e vereadores da nossa região e depois a encontrar formas de contatá-los. Depois de altos e baixos e de várias portas batidas em nossa cara, um deputado estadual finalmente se mobilizou pela nossa causa e nos ofereceu a oportunidade de escrever o nosso próprio projeto de lei.

De meninas que não sabiam ao certo quem nos representa, passamos a ser legisladoras. Foi assim, com muito estudo e aplicação, que escrevemos o projeto de lei estadual que incluía absorventes como item da cesta básica. Com isso, nosso PL passou por todos os trâmites na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro e foi aprovado por unanimidade na Casa, se tornado assim a primeira lei no Brasil a considerar absorventes como itens básicos.

Depois dessa conquista várias e várias portas se abriram e o Girl Up Elza Soares foi crescendo cada vez mais e estabelecendo raízes fortes para colher os frutos do nosso trabalho. Uma das maiores repercussões das nossas ações foi o movimento **#LivresParaMenstruar**.

Diversas líderes de outros estados do Brasil se inspiraram na nossa conquista e foram à frente cobrar suas casas legislativas para criar projetos de leis que combatem a pobreza menstrual em suas regiões. **Atualmente, o movimento já coleciona conquistas em mais de 100 municípios e 10 estados**.

Três anos atrás, nunca teria imaginado que aquele momento, quando decidi dar o primeiro passo, se conectaria com o momento em que eu estou agora. Nós não acordamos um dia e decidimos mudar o mundo. Muito menos estamos cem por cento prontos para isso. Mudamos o mundo com pequenas ações de cada dia. Mudamos o mundo quando nos desafiamos a crescer. Quero lembrar que a sua vida agora está conectada com algo incrível no futuro e espero que a nossa história no Girl Up Elza Soares encoraje você a dar o primeiro passo.

Beatriz Lacerda

@projeto_equidade
Belém (PA)

Meu nome é Beatriz Lacerda. Sou Jovem Transformadora Ashoka pela Amazônia e hoje eu vou contar um pouquinho da minha história.

Minha história no ativismo começa muito cedo. Ela é meio orgânica porque cresce junto comigo. Não tem como falar de mim sem falar das minhas lutas. Tudo o que me atravessa anda junto comigo.

Sou nascida e criada em Belém, município mais populoso do Pará e segundo da região Norte. Minha cidade é regada por muita música, sabores, texturas e cheiros, mas o que mais me encanta são as nossas narrativas, nossas histórias. Cresci no bairro da Cabanagem, periferia da minha cidade, e lá tínhamos a cultura de ficar nas portas de nossas casas junto dos vizinhos compartilhando essas narrativas. É assim que eu quero que vocês imaginem o meu lugar. Fechem os olhos e se enxerguem sentados na calçada de uma rua de terra, do meu lado.

Pois então, vizinho, minha família é recheada de professores e fazedores de cultura, nunca tivemos ótimas condições financeiras. Essa condição fez com que meus familiares trabalhassem em vários lugares na cidade. Alguns deles de pouco em pouco foram formando a pessoa que eu sou hoje.

A correria era tanta que quando minhas memórias me situam em uma diversidade de experiências: uma roda de Carimbó do grupo Sabor Marajoara com meus tios e tias da cultura; uma aula de Física na Escola Mário Barbosa, com meu avô; ou então em uma roda de samba lá no bairro da Pedreira. Eu adorava estar em todos esses lugares. As pessoas me enxergavam, vinham interagir comigo e eu, que nunca fui tímida, logo puxava uma cadeira para conversar com elas, tal qual uma senhora idosa com seu belo café na mão.

Uma das principais memórias que tenho era que toda a família sempre estava preparando aulas, corrigindo trabalhos ou lançando notas. Isso me aproximou demais do mundo da educação. Nossa casa era um amontoado de livros, E.V.A e canetas de quadro branco.

Meu avô foi o primeiro a me ensinar o processo de atribuição de uma nota a um aluno. Nós pegávamos o caderno de ponto que ele tinha com todas as presenças e atividades e a partir das

pontuações e presenças juntas o aluno teria sua nota registrada naquele mesmo caderno. Desde que comecei a observar esse processo, ficava do lado dele em nossa mesa com uma régua na mão checando aluno por aluno.

No final os meus processos de ensino e aprendizagem se tornaram afetivos. Anos depois, sigo os passos que me foram ensinados. E hoje eu sou estudante na Universidade Federal do Pará, cursando Licenciatura em Ciências Sociais.

Comecei a observar o espaço educacional pelo prisma do professor. Isso foi muito importante para a minha trajetória. Eu também comecei a entender como é que politicamente funcionava aquele espaço escolar e isso começou a me deixar preocupada porque a educação básica e a educação pública são extremamente sucateadas aqui em Belém do Pará e eu queria entender o porquê.

Eu ingressei no ensino público no primeiro ano do ensino médio. Por mais que minha família fosse pobre, sempre tentaram me manter em colégios particulares, mesmo que pequenos, porque eles sabiam do sucateamento da educação pública, e achavam que eu poderia ter uma educação de qualidade em escolas particulares.

Fui bolsista boa parte de minha vida. Mas, no primeiro ano do ensino médio, já não tendo condições de manter a bolsa, minha mãe me matricula no ensino público de educação, em uma escola chamada de Jarbas Passarinho, aqui em Belém.

É aí que o meu olhar se expande. Começo a entender as questões e as lutas na educação, pela perspectiva dos estudantes. E me desafio a combinar os dois olhares: tanto o de quem leciona, quanto o de quem estuda. É então que eu passo a entender a estrutura do ensino público e a querer transformar essa estrutura.

Um dos encontros mais impactantes que tive foi com outra jovem, chamada Ingrid Jamile. Ela também se incomodava com tudo aquilo que a gente estava vivendo na escola: a coordenação e a diretoria não eram abertas aos alunos. A gente queria fazer atividades extraclasse dentro do colégio, trazer palestras, realizar rodas de conversa e éramos impedidas ou desencorajadas, porque eram vistas como menos importantes do que ter as aulas convencionais, entregues em salas.

Era um colégio que tinha uma coordenação extremamente fechada e os alunos não se sentiam ouvidos. Isso vai fechando alternativas de aquisição de novos conhecimentos para nós porque a partir do momento em que você fecha uma porta para os alunos, você desmotiva esses jovens que estão em busca de novos caminhos.

Com esse incômodo em mente, criamos o **Projeto Equidade**, que tinha como objetivo inicial a discussão da diversidade, o lugar estudantil e as vivências dos alunos de periferia dentro da sala de aula. Queríamos que a discussão das vivências e experiências dos alunos fosse valorizada. Era decisivo para a permanência de crianças e adolescentes na escola, que pudessem discutir a sua realidade. Discutir as potencialidades e os desafios vividos pelos jovens era tão importante quanto entender uma fórmula matemática.

A partir do momento em que identificamos esse incômodo e ficamos motivadas a transformar aquela situação, Ingrid e eu começamos a procurar meios de acessar outras escolas da região. Percebemos que a realidade da nossa escola era muito similar à de outros colégios. Queríamos entender como é que a gente poderia entrar em outras instituições, já que nem mesmo em nossa escola conseguíamos espaço para aplicar nossas ideias de mudança.

Aos poucos, fomos identificando meios de idealizar e consolidar um projeto. A situação começou a mudar quando recebemos apoio de alguns profissionais incríveis, como Athayde Júnior, que é meu tio e historiador. E também tivemos o apoio de Sanara Dias e Douglas Oliveira, que são sociólogos e assistentes sociais.

Essas pessoas foram de extrema importância para que tivéssemos estrutura para iniciar nosso trabalho? Eles nos ajudaram a refletir sobre o que a gente quer fazer; como fazer e quando fazer.

No início, o projeto se estruturou com voluntários do Brasil inteiro. Quando cursava o terceiro ano do ensino médio, por conta da pandemia, perdemos a capacidade de operar de forma presencial. Mas, mantivemos as conversas onlines com estudantes de várias escolas.

Em 2022, tudo muda! Eu me torno coordenadora do grupo de gênero do Engajamundo, depois de um envolvimento de quatro anos com o ativismo. Eu me envolvi com campanhas do NOSSAS e ingressei na comunidade de Jovens Transformadores da Ashoka.

O Engajamundo foi especialmente importante em nos mostrar que era possível mobilizar mesmo com as restrições de mobilidade e de encontros presenciais. Conseguimos fazer chamada de voluntários online para o Projeto Equidade, consegui coordenar grupos e sessões de trabalho para que esses voluntários entendessem o que é o ativismo e pudessem praticá-lo, chegando inclusive a fazer eventos pelo IYD Brasil, que é o movimento do dia da juventude, atingindo um grande número de jovens.

E foi por essas experiências que se tornou claro que eu enveredaria pelas Ciências Sociais e é nesse momento em que eu me descubro totalmente enraizada e formada pelo ativismo.

Hoje eu não me vejo fazendo outra coisa. Mesmo com todo risco que um ativista nortista corre, é de extrema importância levantar pautas que são esquecidas pelo resto do mundo. A gente sabe que ser nortista, ser uma mulher preta, uma mulher lésbica não é facil no Brasil e é por isso mesmo que essas são as bandeiras que eu levanto.

Eu me assumi como uma mulher lésbica para a minha família. Primeiro porque eu nunca tive vergonha disso e espero que outras meninas também possam ser quem são!

Eu me assumi mulher lésbica uma semana antes do reconhecimento da Ashoka como Jovem Transformadora. Eu queria que outras meninas me vissem através dessa conquista e entendessem que elas também podem chegar aonde quiserem.

Hoje eu entendo que o ativismo está ao alcance de todo mundo. Entendo que não seja tão fácil para algumas pessoas, até porque não é praticado dentro da escola, nem dentro de casa. Não aprendemos que temos direitos, que podemos reclamar por esses direitos. Se você vem de áreas segregadas do Brasil como o Norte e Nordeste, o desafio é ainda maior. Mas, também é um espaço de fala pública que vai lhe mostrar muita coisa e ajudar você a se entender melhor, seus valores e identidade.

Talvez esse seja o grande ponto do ativismo: você conseguir olhar para o outro, entender a realidade que aquela pessoa está passando, entender a vida dela e ajudar no que for possível. Hoje eu realmente não me vejo fora desse mundo, a minha profissão é transformar realidades, e eu queria que as pessoas entendessem mais isso, porque uma das grandes lutas que a gente tem hoje é a valorização do ativismo como trabalho e esse é um caminho muito extenso, por que não é visto como um trabalho, é visto quase como um hobby e a gente doa literalmente nossa vida para ajudar a transformar essa realidade.

Eu espero que as juventudes possam ser cada vez mais escutadas; que a sociedade entenda que temos potência; que somos o agora projetando o nosso amanhã. A juventude é e pode fazer muito, mas é preciso também que se abram espaços, que se abram portas que possamos contribuir mais.

Carlla Vicna

@projeto_cosmos
Manaus (AM)

Às vezes é tão difícil começar algo, mesmo que a gente deseje do fundo do coração, mesmo que a gente sonhe e imagine. A realidade sempre impõe mais desafios e isso assusta. Mas algo que eu aprendi é que o primeiro passo é sempre o mais difícil, e que o resto realmente corre num fluxo tão rápido que nos surpreende. Eu sei que demorei mais do que eu gostaria pra começar a escrever este relato. São tantas coisas vividas pra compartilhar que eu não me sentia capaz de contar essa história pra vocês. Mas se você está me lendo, é porque encontramos mais uma vez a coragem para dar o primeiro passo: escrever e ler.

Não sei quando, onde ou porquê, mas eu lembro de ter sido uma criança que carregava um incômodo ao observar o mundo. Pensava que a vida deveria ser melhor e mais justa para todos. Cedo pude ter a percepção de que nem todas nós tínhamos as mesmas oportunidades e que, na verdade, muitas injustiças sociais me rodeavam. Minha mãe, como professora de escola pública, sempre me disse que a educação era a minha chance de ter uma vida melhor.

Eu estudei boa parte da minha vida em escolas públicas e amava ler, mas a biblioteca da minha escola estava sempre fechada por falta de bibliotecária. Isso me parecia injusto. Essas e outras percepções foram se acumulando e eu me recordo de passar noites sonhando acordada com o que eu faria se fosse presidente da república e como eu construiria escolas com grandes bibliotecas, com muitos livros e que estariam sempre abertas para que os alunos a explorassem. Eu sonhava em como construir moradias dignas e hospitais em que todos teriam acesso à saúde de qualidade, dentre outras garantias de direitos.

Eu queria, de alguma forma, poder transformar o mundo ao meu redor, mas parecia um sonho distante. Eu achava que tinha apenas três alternativas para se promover uma mudança positiva no mundo, ou eu virava presidente, ou eu ganhava na mega sena pra poder ter dinheiro e doar, ou eu virava freira e dedicava a minha vida ao cuidado.

Eu não tinha muitas referências de projetos sociais na minha cidade. Essa coisa de ser voluntário ou escoteiro parecia só coisa de filme americano. Segui estudando, porque essa era minha chance de ter uma vida melhor e quem sabe pelo menos poder ajudar a minha família.

Com o passar dos anos, eu acabei ingressando numa escola de ensino médio técnico, que comparada com as antigas escolas públicas em que eu havia estudado, me deixou deslumbrada, com um mar de oportunidades que se abriram pra mim!

Sempre tive a sorte de ter bons professores em toda a minha trajetória de ensino, mas na minha nova escola nunca faltava professor para nenhuma matéria, nunca faltava material didático, a biblioteca estava sempre aberta e tinha várias revistas científicas e livros que eu podia emprestar.

Mas o que me encantou mesmo foi a oportunidade de participar de projetos extraclasse e, em especial, as olimpíadas científicas. Eu queria participar de tudo e assim fui entrando em todas elas: Matemática, Química, História, Robótica até que uma delas conquistou meu coração, a **Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica**, a OBA.

A primeira vez que soube da possibilidade de participar de uma olimpíada de astronomia, me empolguei muito. Mas, não sabia nem o que estudar. Lembro de tentar decorar o nome dos planetas do sistema solar e suas respectivas luas e outras coisas que nem de perto caíram na prova. Isso foi em 2012 e acabei conseguindo um bronze. Fiquei extremamente feliz e decidi que iria estudar mais para o ano seguinte.

Como a Astronomia não é apresentada de forma profunda no currículo da educação básica, cheguei a demorar dias para entender alguns conceitos. Ou seja, eu já estava estudando sozinha! Lembro que, apesar do esforço, tudo era muito divertido e emocionante, pois eu começava a descobrir como funcionavam vários fenômenos que faziam parte do meu dia a dia. Começava a ver pontos brilhantes no céu e identificar planetas e constelações e isso fez com que eu me apaixonasse pelas ciências.

Na olimpíada de 2013 , fui a última a acabar a prova. Fui saboreando cada momento com o objetivo de me divertir e desafiar meus conhecimentos. Tal não foi o choque e a felicidade de descobrir que eu simplesmente tinha acertado todas as questões da olimpíada! E o melhor ainda estava por vir, devido ao meu desempenho fui convidada a uma premiação excepcional que a organização da OBA preparava para os alunos com o melhor desempenho de cada estado.

Fui convidada para participar da **Jornada Espacial**, um evento que reunia os estudantes em São José dos Campos (SP), para visitar o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Com 14 anos, eu estava pegando um avião para outro estado numa jornada que me traria amigos de todo o Brasil e um conhecimento ímpar.

Visitar o INPE, ver um satélite sendo construído, conhecer grandes pesquisadores da área, me inspirou muito. Lembro de ter pensado que queria que todo mundo pudesse ter oportunidades como essa.

Quando saí do ensino médio, aos 16 anos, acabei optando pela Engenharia da Computação, que muito me atrai. Por outro lado, fiquei pensando o que fazer com o conhecimento de Astronomia que havia acumulado, já que não seguiria essa carreira. Não queria que esse conhecimento ficasse só comigo e lembrei das minhas dificuldades para aprender sozinha. Tive então o ímpeto

de querer compartilhar o que eu sabia com os alunos que estão chegando na escola e que, assim como eu, provavelmente não tinham nenhuma base em Astronomia.

Essa vontade foi ficando cada vez mais forte e foi fazendo mais sentido. Lembro de ter visto alguma reportagem sobre alunos fazendo preparatório para olimpíadas científicas em São Paulo e pensei: **se essa possibilidade existe em São Paulo, pode existir em Manaus também!**

Sentei e escrevi um projeto de duas páginas, justificando a importância da iniciativa e como ela poderia impactar positivamente os estudantes. Pedi para conversar com a diretora da minha antiga escola. Apresentei a ideia a ela. À época eu não tinha conversado com ninguém sobre esse projeto, mas sabia que podia engajar meus amigos na empreitada. A diretora cedeu o auditório para que a gente conduzisse as aulas e permitiu que eu fosse de sala em sala divulgar que faríamos o preparatório.

Logo em seguida corri e chamei meus amigos, alguns se empolgaram bastante e consegui juntar um time inicial de quatro pessoas. Preparamos as aulas e colocamos vários memes nos slides pois queríamos que fosse uma experiência divertida e descontraída.

Lembro de sair de casa num sábado chuvoso para dar aula e pensar que talvez nenhum aluno fosse para a escola naquele dia, já que o preparatório não era uma atividade obrigatória. Para a minha surpresa, encontrei 50 alunos me esperando no auditório! Nesse dia passamos 4 horas juntos e mesmo depois de finalizada a aula, um grupo de jovens me cercou, cheio de perguntas e com os olhos brilhando de curiosidade.

Toda vez que lembro disso me emociono, pois foi naquele momento que percebi que havíamos despertado essa paixão pela ciência naqueles jovens e bateu um sentimento de que talvez eu estivesse fazendo parte de algo pequeno em escala, mas ao mesmo tempo grandioso para aquele grupo. Finalmente, eu senti que estava transformando em alguma medida o mundo ao meu redor.

No ano em que realizamos o preparatório, a escola bateu recorde de medalhas na olimpíada. O orgulho era imenso de ver meus alunos com o pescoço cheio de medalhas. Mas, a melhor parte pra mim era perceber que com algumas aulas, eu conseguia explicar fenômenos astronômicos que eu tinha demorado semanas para entender. O objetivo não eram as premiações, mas o compartilhamento de conhecimento e o despertar daqueles jovens ao perceberem o seu potencial.

Depois dessa primeira experiência com o preparatório para OBA meus amigos me olharam empolgados como quem diz **"temos que continuar fazendo isso"**. E então as coisas foram fluindo e eu honestamente nem lembro como, mas quando me dei conta já tínhamos um nome para o projeto e já estávamos fazendo os próximos planos.

De alguma forma, cada pequeno passo levou meus amigos e eu a fundar um projeto social, que viria a ser chamado de Projeto Cosmos. Por ter iniciado as articulações, fui vista como uma líder por meus amigos e passei a coordenar o projeto, papel que marcou minha vida por cinco anos seguidos.

Daí em diante é uma longuíssima história cheia de aventuras. O projeto foi ficando conhecido e fomos convidados para atuar em diferentes comunidades e escolas da nossa cidade. Encontrávamos cada vez mais interessados em se voluntariar. Tivemos que fazer uma seleção de voluntários e mais de 70 pessoas se inscreveram

em 2016! Fui encontrando ao longo do caminho uma série de pessoas que, assim como eu, viam valor na educação, na ciência e no propósito de compartilhar conhecimentos.

Um professor do curso de Física da universidade entrou em contato com nosso time e nos apoiou na institucionalização do projeto. Em 2016, tornou-se um projeto de extensão vinculado à Universidade Federal do Amazonas. Foi um feito incrível porque trouxe muita credibilidade para o nosso trabalho e possibilitou acesso ao ambiente da universidade para realizar ações.

Os anos foram passando e em média o grupo contou com um número de 40 voluntários. Começamos a distribuir papéis de liderança e buscamos diferentes formas de nos organizar, mas sempre tentando manter um espaço para que todas as pessoas pudessem exercitar sua criatividade e protagonismo.

Além do preparatório para olimpíada, nós fazíamos palestras, oficinas e chegamos até a criar uma gincana astronômica para estimular a aprendizagem de crianças por um circuito de brincadeiras! Em quatro anos de projeto, já tínhamos feito 10 turmas de preparatório, mais de 8 ações sociais em comunidades e mais de 35 palestras e oficinas em escolas.

Com essa atuação excepcional de um projeto coordenado por jovens universitários, começamos a ganhar destaque, dar entrevistas e até receber prêmios nacionais de reconhecimento. Nesse momento eu participava de algumas conferências e comecei a compartilhar minha jornada de liderança e ativismo na educação e divulgação científica.

O segredo é que sempre ousamos sonhar um degrau além.

Submetíamos propostas e projetos a todas as oportunidades relevantes. Foi assim que começamos a escrever artigos científicos sobre a metodologia de ensino criativa que aplicamos no Projeto Cosmos. Nos dois anos seguintes, fomos aprovados num simpósio internacional!

O ano de 2019 marca um passo enorme na história do Projeto Cosmos, pois conseguimos financiamentos expressivos em dois editais nacionais. Estávamos tão acostumados a fazer muito com recursos extremamente escassos, que nem sabíamos o que fazer com tanto dinheiro. Mas fomos aprendendo ao longo do processo e graças a esse apoio conseguimos expandir a nossa atuação.

Com um dos editais nós criamos o **Clube de Ciências**, uma sequência de dez aulas com vários experimentos científicos e atividades práticas sobre Química, Física, Matemática, Biologia e é claro: Astronomia. Nós nos encontrávamos e passávamos o dia juntos. Algumas aulas eram especiais. Levávamos os estudantes para visitar centros de pesquisa e inovação da cidade.

Minha lembrança mais terna desse momento foi quando um dos estudantes manifestou seu interesse em participar novamente de uma próxima edição do Clube, ainda que as aulas fossem as mesmas, porque ele tinha se divertido muito e era bom aprender brincando. A percepção dele me emocionou, pois notei que tínhamos atingido o nosso objetivo ao proporcionar essa experiência! Além de Manaus, também realizamos atividades em municípios do interior do estado.

Com outro edital decidimos fundar um segundo projeto, chamado **Circo da Ciência**. A ideia era visitar escolas e espaços comunitários e propor uma agenda diversa de atividades educativas, junto com o apoio de outros projetos de educação da cidade. Em um ano de projeto, visitamos oito bairros de Manaus e impactamos mais de

4 mil alunos na zona rural e urbana. Levamos oficinas de robótica, artes, sustentabilidade, biotecnologia, computação, astronomia e muito mais!

Sem dúvida o que mais me encantou em toda a jornada do Circo da Ciência foi a oportunidade de visitar comunidades ribeirinhas tanto do Rio Negro quanto do Rio Amazonas. Lembro que ao idealizarmos o projeto queríamos tornar o acesso à educação científica mais abrangente e democrático, mas naquela época eu nunca poderia imaginar que chegaríamos tão longe.

A parceria que conseguimos com a Secretaria de Educação de Manaus foi essencial para que conseguíssemos visitar 14 escolas ribeirinhas num período de cinco meses, e com isso impactar mais de 700 alunos dessas comunidades. Recordo de acordar bem cedo e ir até o porto encontrar com meus amigos, cada um carregando uma sacola enorme de materiais das oficinas. Então a gente embarcava nas lanchas junto com os professores rumo às escolas. Foram muitas aventuras, chegamos até a levar um telescópio para uma das escolas!

Veio a pandemia em 2020 e continuamos o trabalho promovendo lives no canal do YouTube do projeto. Demos bastante enfoque na conscientização sobre as vacinas. Hoje de volta ao presencial, o projeto segue firme e atuante. Conquistamos uma sala só para o projeto na universidade. Uma sala muito bonita e bem decorada, diga-se de passagem.

Nesses últimos anos, fui percebendo que meus interesses haviam mudado, e com isso hoje o projeto continua sob a coordenação de outra pessoa e com um grupo de voluntários que se renova a cada ano! Em 2023, já temos ex-aluna dentre as voluntárias do projeto. Dá pra acreditar? Foi nossa aluna, se formou, ingressou na universidade e agora é voluntária na difusão de conhecimentos

científicos. De alguma forma essa notícia aquece meu coração, pois vejo que o legado continua independentemente de minha presença.

Hoje a Carlla que escreve este texto tem 24 anos. Não participo ativamente do Projeto Cosmos há dois anos. Mas, esse não foi o fim da minha trajetória de impacto. Sigo agarrando as oportunidades que tenho pra fazer a diferença nos lugares em que estou, seja coordenando um grupo de diversidade na empresa de tecnologia onde trabalho, seja me voluntariando para apoiar projetos sociais e organizações do terceiro setor.

Continuo sempre realizando meu sonho de promover transformações positivas no mundo, não só porque faz sentido e é justo, mas porque é divertido e recompensador. E ainda tenho a oportunidade de me conectar profundamente com as pessoas nesses espaços.

O Projeto Cosmos e o Circo da Ciência me trouxeram pessoas incríveis com as quais mantenho relação próxima até hoje. Imagino que não as teria conhecido de outra forma. A trajetória de ativismo e liderança me levou muito longe e me oportunizou trocar com as mais diversas pessoas.

No fim, acho que a vida é sobre isso: as conexões que a gente cria, o amor que a gente doa e recebe. E eu doei o que eu tinha. Recebi tanto amor em troca, de todas as minhas alunas e alunos, de todas as pessoas que embarcaram nessa jornada comigo, de todas as pessoas que apoiaram esse sonho.

Alguns dias mais do que outros bate uma saudade imensa de estar numa sala de aula rindo e me divertindo com as crianças enquanto a gente explora os mistérios do universo; ou junto dos meus amigos passando perrengue para chegar até a próxima

escola, ou para programar alguma aula, sempre rindo e vivendo alguma história absurda e engraçada. No fim, essas sempre serão minhas memórias favoritas.

Em 2019, eu fui reconhecida como Jovem Transformadora Ashoka, e mais do que um reconhecimento, entrar para essa rede definiu meu compromisso de inspirar jovens do Brasil a perceberem seu potencial e a sua capacidade de transformar o mundo ao seu redor.

Eu espero ter conseguido apresentar alguns dos motivos pelos quais eu acredito que você deveria dar esse primeiro passo, em relação a qualquer que seja o sonho e desejo mais profundo do seu coração, mesmo que você se ache muito pequena, muito jovem, sem recursos.

Em vários momentos da minha jornada eu duvidei de mim mesma, achei que não era ninguém, que não era capaz. Mas, bastou um segundo de loucura e coragem em que ousei dar um pequeno passo e logo percebi que era sim possível.

Clara Beatriz

@projetocasinhadelivros
Irecê (BA)

Sou Clara Beatriz, Cacá ou Clarinha para os mais chegados. Tenho 14 anos e moro numa cidade pequena do sertão baiano, chamada Irecê, que em tupi-guarani significa **"superfície da água"**. Mas, água aqui é coisa rara. Tem que se cavar muito e chegar aos lençóis freáticos, que são reservatórios naturais de água no subterrâneo.

Quando tinha 9 anos, fiz uma viagem a Salvador (BA) e lá tive o primeiro contato com uma **"Casinha de Livros"** (que são casinhas de madeira que funcionam como minibibliotecas, dispostas em praça pública, abertas 24 horas por dia, sem controles prévios, no estilo pegue, leve e devolva). Tempos depois descobri que se tratava do projeto Livres Livros, que é mundial, e chegou em Salvador por Raissa Martins.

A partir dessa inspiração começou a minha jornada para montar uma Casinhas de Livros na minha cidade. Fiquei completamente encantada e apaixonada e não conseguia pensar em outra coisa. Conversei com meus pais e eles não demonstraram apoio imediato. Então montei uma estratégia para convencê-los. Decidi falar com outros parentes. Procurei meu Tio Té (Ferreti), que tem certa habilidade em marcenaria. De forma muito convincente, contei minha ideia e ele prometeu construir a tão sonhada casinha.

Mas o tempo foi passando e nada da casinha sair do papel. Assim, voltei ao plano inicial de convencer meus pais e fiz uma campanha intensa falando sobre a casinha no café da manhã, almoço e jantar. Nesse período cheguei a desanimar, mas não desisti.

Após mais de um ano de insistência (e me recordo bem do dia 20/10/2018), **consegui instalar a tão sonhada e desejada, primeira Casinha de Livros na cidade de Irecê**. A inauguração contou com a participação de algumas crianças amigas e meus familiares e, a partir daí, outras Casinhas foram sendo instaladas aqui na minha cidade.

Foi exatamente nessa época, após sofrer duas convulsões e realizar vários exames, que fui diagnosticada com epilepsia. Para melhor divulgar o projeto e conseguir doações de livros,

criei, com a ajuda de minha tia Cátia Maciel, um instagram do Projeto Casinha de Livros e a partir daí conheci diversas pessoas maravilhosas e que muito contribuíram para seu crescimento.

O ano de 2020 despontava como um divisor de águas, trazendo muitas mudanças. Eu estava entrando na adolescência, surgiam muitas oportunidades para expandir o Projeto Casinha de Livros e levar o acesso à leitura para um número cada vez maior de pessoas, bem como eu me preparava para fazer minha primeira viagem internacional em família. Tudo isso me deixava muito feliz e animada. O ano de 2020 começou a todo vapor. Voltei da viagem no dia 04/03/2020 e já ouvíamos falar em COVID19. Já víamos algumas pessoas usando máscaras.

Com a chegada da pandemia, tive que me proteger. Tenho asma e epilepsia e meus pais restringiram bastante minhas atividades. As aulas passaram a ser online e toda aquela expectativa de um ano maravilhoso foi caindo por terra. Confesso a vocês que foi uma fase muito difícil, principalmente pelo fato de adentrar à adolescência em um contexto tão adverso.

Meu aniversário de 12 anos (24/03/2020) foi comemorado em pleno início da pandemia quando o isolamento social já era uma realidade. Todos esses fatores somados me levaram a ter crises de ansiedade, no final do ano de 2020, que quase descambam para uma depressão. Então passei a fazer terapia e usar medicação. Sigo em tratamento, porém me sinto muito melhor.

Sem dúvidas o Projeto Casinhas de Livros foi responsável por me manter com sanidade e bem. Como não podíamos trocar livros presencialmente, passei a dar ênfase maior ao instagram do projeto, que se mostrou essencial para mantê-lo ativo.

Passei a fazer lives com autores de livros, jornalistas, estudantes, escritoras mirins e conheci a apresentadora Astrid Fontenelle em uma live onde ela chamava seguidores. A partir daí ela passou a apoiar o projeto tanto divulgando quanto doando livros, tornando-se uma verdadeira fada madrinha.

Após um longo processo, **fui eleita Jovem Transformadora Ashoka em 2021**. Foi de uma importância incrível para mim, pois pude reconhecer minhas potencialidades e me fortalecer nesse processo da busca do controle das crises de ansiedade. Até então, eu achava que meu projeto, por ser realizado em uma cidade pequena, não tinha um potencial de transformação tão relevante. A partir daí surgiram novas oportunidades.

No final de 2021 e início de 2022, minhas crises epilépticas voltaram com força total e meu pior pesadelo aconteceu, que foi ter convulsões na escola, diante de todos. Mas isso tudo me trouxe algo de positivo, pois antes eu não falava da doença. Vivia em processo de negação. A partir dali, resolvi que deveria falar abertamente e ajudar outros adolescentes como eu que têm epilepsia. Passei a fazer um conteúdo exclusivo sobre a doença (em especial em comemoração ao março roxo – mês especial de conscientização e combate ao preconceito sobre a doença). Postei também no instagram do Projeto Casinha de Livros, com indicação de livros infantis e adultos sobre o tema e fiz live com minha neurologista.

Por fim, o ano de 2022 veio, como um sol iluminado de um dia de verão e uma tarde de chuva gostosa da época do **"verde"** (período chuvoso no sertão). Trouxe boas novas, com a indicação do controle da pandemia. Na minha vida pessoal, também renovei as esperanças, com o inicio das gravações de um filme do qual participo como atriz e que conta a história da instalação de um dos primeiros cinemas aqui na região, na década de 1970. A arte me salvou!

Felipe Rocha

@ufeliperocha
Rio de Janeiro (RJ)

Sou nascido e criado em Costa Barros, no Rio de Janeiro, um dos bairros mais violentos e precários da cidade. O mais novo entre dez filhos, fui criado por uma mãe solo. Apesar das dificuldades da minha família, aos 8 anos, tive a oportunidade de participar de um programa organizado por um núcleo evangélico, chamado Visão Restaurar, onde me integrei à igreja evangélica. A organização tinha atividades esportivas e sociais de arte e cultura. Esse cenário de ajuda e solidariedade me fez enxergar as potencialidades do meu território. Além de ajudar as famílias a superarem aquele sentimento de pobreza, as atividades levavam a comunidade a nutrir uma esperança de paz na favela.

Eu e meus irmãos somos filhos de pais ausentes. A figura paterna que tive foi meu irmão, Bruno. Ele me mostrou que somos capazes de lutar pelo que queremos. Que somos favelados, mas temos capacidade de nos transformar. Meu irmão lutou muito e me proporcionou oportunidades que ele não teve, ele sempre me diz: **"eu te ajudo; foca no melhor!"** Hoje tenho certeza que cada palavra de incentivo dele me impulsionou a crescer e ser um diferencial na minha comunidade.

Eu morava em uma rua que todos chamavam de **"Fim de Mundo"**. Um homem chamado Antônio, líder evangélico da Visão Restaurar, buscava realizar atividades que aumentassem a convivência e a resiliência comunitárias. Logo comecei a participar de projetos coordenados por ele. Antônio se tornou como um irmão para mim, uma referência.

Após anos sendo um dos assistidos da organização, me inscrevi como voluntário e cocriei a oficina Brincart, com o objetivo de oferecer às crianças a oportunidade de brincar ao ar livre e desfrutar dos espaços públicos da comunidade. Por meio de brincadeiras criativas, o propósito da oficina era aprender e refletir sobre os desafios da nossa comunidade. Iniciei as atividades, junto com meus amigos, em 2016. Na oficina, apresentávamos as dificuldades da vida em nossa comunidade. As crianças eram incentivadas a enfrentá-las e superá-las, desenvolvendo um pensamento crítico.

Uma das brincadeiras mais apreciadas da Brincart era a **"teia de aranha"**. Entrelaçávamos 300 metros de barbante criando um percurso para que as crianças lessem descrições de problemas e mensagens de incentivo e superação. As crianças, então, eram convidadas a descrever as emoções que sentiram ao pensar nas situações e mensagens apresentadas. A ideia dessa atividade

sempre foi mostrar que existem dificuldades e barreiras dentro da favela e de qualquer outro espaço na cidade. Contudo, podemos superar essas barreiras trabalhando juntos.

Em 2017, iniciei um novo desafio: o projeto Me Segue, no qual jovens voluntários da Brincart desenvolviam a coliderança e organizavam atividades culturais para a comunidade. Com dez integrantes, o Me Segue começou a colecionar sucessos em revitalizações de áreas degradadas e desprezadas pelos próprios moradores.

O maior orgulho para a equipe era a praça, próxima à sede da ONG. Localizada na favela da Quitanda, dentro do complexo da Pedreira, ela foi completamente recuperada por conta do projeto. Meus amigos e eu entrevistamos diversos moradores e entendemos qual era a demanda para a praça. A partir daí, organizamos um mutirão e limpamos tudo. E começamos a ocupar o espaço fazendo as atividades da Brincart, como um cineclube, campeonatos de ping-pong e muitas outras brincadeiras. O espaço ocupado se tornou seguro e frequentado sem medo pelos moradores.

O Projeto Me Segue nasceu para incentivar os jovens a recuperar, revitalizar e embelezar os espaços da comunidade. Ao mesmo tempo em que promove o esporte, o lazer e a cultura local, transformando espaços desocupados em lugares de atividades comunitárias. A equipe é liderada por jovens que projetam, coordenam e lideram estratégias de expansão para a organização, de forma colaborativa.

Ao longo de minha trajetória, tive apoio da ONG Recode, que trabalha para criar cidadãos conscientes e conectados por meio do empoderamento digital. Fundada pelo empreendedor social Ashoka Rodrigo Baggio, a organização apresentou uma

rede gigantesca de pessoas que promovem a mudança, como o programa Active Citizens para líderes sociais, que apoia o desenvolvimento da agência de transformação.

Hoje, com 23 anos, sou responsável geral de comunicação em uma distribuidora de peças automotivas, no Rio de Janeiro. O sentimento de pertencimento à cidade me faz crescer todos os dias. Os projetos Me segue e Oficina Brincart seguem sendo desenvolvidos pela Visão Restaurar, com uma nova equipe de jovens empenhados em manter o princípio: **"Eu te ajudo, foca no melhor!"**.

Ser um jovem transformador é uma escolha quando se entende que toda pessoa pode transformar. O que realmente me impulsionou foi a motivação de querer melhorar a condição de vida da minha comunidade. Alguns só veem uma triste realidade.

Quero que os outros tenham novos horizontes, novas perspectivas, olhem a vida de outra maneira. Quero que recusem ser apenas uma estatística; quero que façam a diferença.

Gabriel (Kenai) Santos

@jovenspelofuturoxingu
Altamira (PA)

Meu nome é Gabriel Santos, mas talvez você me conheça por meu apelido, Kenai. Muita gente estranha esse nome, mas o que poucos sabem é que ele vem de um filme que eu assistia freneticamente na infância chamado "Irmão Urso". Toda criança tem seu desenho favorito. Esse era o meu. Tive até um cão chamado Koda e os dois são os personagens principais do filme.

Nasci no verão de 2005, na imensa região do Xingu, interior do Pará, em uma cidade chamada Altamira, um dos maiores municípios do mundo em extensão territorial e também palco de um dos maiores crimes socioambientais da história moderna em nosso país, a Usina Hidrelétrica de Belo Monte. A usina desequilibrou todo o ecossistema regional e realocou mais de 20 mil pessoas, modificando toda a estrutura social e ambiental deste território.

Passei minha infância em vicinais, estradas de chão abertas rumo ao interior da mata, a partir da Rodovia Transamazônica. Tive um contato muito íntimo com a floresta antes de mudar com minha família para o meio urbano. Sempre levei isso comigo.

Sou filho de uma pedagoga. Cresci em salas de aula e pude ver de perto o poder transformador da educação na vida de milhares de pessoas. Também acompanhei toda a jornada de minha mãe ao cursar Ciências Biológicas, já que na maioria das vezes ela não tinha com quem me deixar para frequentar as aulas. Muitas vezes eu a acompanhava inclusive nas aulas de campo.

Lembro vividamente de uma viagem que fizemos para estudar morcegos, onde aprendemos a identificar o sexo deles observando suas asas. Assim, desde muito novo cultivei uma paixão pela flora e a fauna amazônicas.

Em 2019, as queimadas na Amazônia estavam no centro das atenções da mídia. Eu tinha 13 para 14 anos e fiquei chocado com toda a destruição que estava acontecendo ao meu redor. Mais jovem do que eu, minha irmã acreditou que estava nevando, num dia cinzento em Altamira em que impressionante quantidade de fuligem se despregava do céu.

Minha casa estava pegando fogo e eu tinha plena consciência disso! O que você faz em meio a um incêndio? Tudo o que está ao seu alcance, certo? Comecei a pesquisar sobre as principais causas destes e de outros problemas ambientais. Cheguei a uma causa comum a todos eles: a pecuária.

Em 2022 o Brasil se tornou um dos maiores produtores de carne bovina do mundo, utilizando um modelo extensivo de produção altamente prejudicial ao meio ambiente, o que causa, dentre outros problemas, as queimadas. Minha primeira ação foi retirar a carne vermelha do meu prato e gradativamente retirei todos os produtos de origem animal da minha alimentação, com o objetivo de ter o menor impacto ambiental possível. Isso estava ao meu alcance.

Aos poucos fui conhecendo mais sobre os movimentos ambientalistas brasileiros e buscando saber como o ativismo organizado poderia me ajudar a defender o meu território. Conheci iniciativas incríveis como o **Fridays For Future Brasil** (Greve Pelo Clima Brasil), no qual me engajei. Adquiri expertise sobre os movimentos e organizações, o que foi fundamental na minha trajetória até fundar o meu próprio projeto.

Ainda em 2021, aos 15 anos de idade, fundei o **Jovens pelo Futuro Xingu**, um coletivo de ativismo socioambiental na Amazônia Brasileira. A organização se pauta pelo engajamento com as múltiplas juventudes amazônidas para a conservação ambiental; luta contra as mudanças climáticas, proteção de comunidades tradicionais, democratização da justiça social, salvaguarda de direitos constitucionais e dissemina conhecimentos.

O principal propósito da organização é mobilizar e engajar jovens de todos os gêneros, etnias e classes sociais na luta por um futuro sustentável para a Amazônia e para o planeta, pautado na agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) e nos

saberes milenares de povos tradicionais que já ocupavam esse território bem antes de nós. Para isso, procuramos implementar soluções inovadoras e ambientalmente conscientes junto com organizações da sociedade civil, governos locais, coletivos juvenis e organizações internacionais comprometidas com a proteção da sociobiodiversidade.

Queremos restaurar ecossistemas, proteger a biodiversidade, preservar e manter os cursos d'água, valorizar e difundir saberes tradicionais, engajar jovens, denunciar violações de direitos humanos, promover a transição energética socialmente justa e a economia circular.

É neste projeto que deposito minhas esperanças de um futuro melhor para o Xingu e a sua juventude. Um dia, uma colega estudante de jornalismo me entrevistou sobre o alto índice de assassinatos de ativistas ambientais no Brasil e uma de suas perguntas era **"onde o seu ativismo começou?"** Essa pergunta me pegou desprevenido, então me questionei: quando eu comecei a me considerar um ativista?

Afinal, o que é ser um ativista? Cada pessoa pode apresentar uma resposta diferente a esta pergunta. Para mim, o ativismo começa no incômodo. O primeiro passo para qualquer mudança social é identificar o problema, se incomodar, para então poder agir. Assim, pude responder a este questionamento ao analisar minhas vivências e perceber que o meu ativismo começou quando, pela primeira vez, me indignei com algo que julguei injusto, indigno, tendo, a partir daí, começado minha jornada como ativista.

Ainda em 2021, meu caminho se cruzou com os da Ashoka. Vi um anúncio em uma página do Instagram sobre um programa chamado Jovens Transformadores e decidi me inscrever. Mal sabia a revolução que isto iria causar na minha vida!

Após longos meses de processo seletivo, eu recebi a notícia de que havia sido um dos finalistas escolhidos e poucos dias depois estava com a mala feita rumo a Manaus para participar da etapa final do processo.

Essa foi uma experiência única, onde conheci pessoas e lugares incríveis, mas toda a emoção ficou para o final, quando descobrimos que todos haviam sido reconhecidos como líderes de um movimento muito maior. Lembro da minha emoção e de todos os meus colegas. A seguir viria o reconhecimento por todo o trabalho feito. Fomos matéria em jornais nacionais de grande circulação, como a Folha de S.Paulo e UOL, além de jornais locais, que foram fundamentais para o crescimento do projeto. A Ashoka, acima de tudo, é uma família.

O apoio de organizações como a Ashoka e Fridays For Future Brasil foram fundamentais para a continuação e crescimento de nosso trabalho e para que a paixão por proteger a natureza nunca se apagasse naquele garotinho.

Hudson Terra

@hudsons_terra
Curitiba (PR)

Meu nome é Hudson Terra, tenho 20 anos e venho de Tapejara, uma cidade bem pequena do interior do Paraná. Cresci em Curitiba, considerada a "Capital Ecológica do Brasil". Desde pequeno, eu me conheci como indivíduo integrador da minha sociedade, e entendi que todas as minhas ações possuem impacto na vida dos outros. Entender isso nem sempre foi fácil, houve toda uma jornada que relato aqui.

Quando você é criança, quando você é mais jovem, tende a pensar muito em si mesmo. As coisas que você quer, as coisas que você precisa..., e isso não é errado, porque é uma forma de nos reconhecermos. Mas à medida que vai olhando ao seu redor, percebe que cada ação que faz tem um reflexo na vida de outras pessoas, do ambiente.

Aos 10 anos de idade eu me tornei aluno do Instituto Robert Bosch (Instituto Social da empresa Robert Bosch). Lá tive a oportunidade de participar de um projeto social chamado **"Musicando"**. Através da música, da arte e da cultura, pude entender e expressar os meus sentimentos, e iniciar esse processo de me reconhecer como indivíduo transformador.

Cresci também em uma ONG chamada Vida Promoção Social, na cidade de Curitiba, onde aos meus 7 anos, comecei a me reconhecer enquanto indivíduo em minha comunidade por meio de aulas de teatro, música e aulas comunitárias. Aos 15, percebi que só participar das aulas já não era mais suficiente. Foi nesse ano que eu percebi que poderia fazer mais e melhor. E, então, eu me perguntei se eu podia. E se eu podia, por que não estava fazendo? Foi quando então me tornei professor da ONG.

Comecei a dar aulas de teatro e Inglês para aquelas crianças em situação de vulnerabilidade, que vieram de uma mesma realidade que eu. Ao longo das aulas, pude desenvolver e explorar o sentido de comunidade, criatividade, inovação e transformação dessas crianças e, o mais importante, ajudá-las a se entenderem como cidadãs globais.

Quando você se torna professor, você aprende a lidar com a diversidade e a pluralidade que existe entre seus alunos. Ainda assim, você nunca sabe suficientemente como lidar com a vulnerabilidade e suas complexidades. Enquanto lecionava no lugar mais vulnerável em que eu já havia estado, descobri

o propósito da minha vida, e também minha paixão pelo empreendedorismo social, que se tornou parte da minha identidade e legado.

Um propósito pequeno em tamanho, mas enorme em vontade e coragem. Olhos assustados olhavam para mim a cada aula. Esse comportamento tornou-se parte de mim no dia em que conheci Lucas (nome alterado para preservar a sua identidade), que aos 10 anos de idade frequentava as aulas de teatro. Lucas, com sua história e comportamentos peculiares, costumava causar dores de cabeça em professores. Foi abandonado aos 5 anos em um orfanato municipal. Adotado por duas famílias diferentes em curto período de tempo e, tornou-se vítima de insegurança alimentar dentro do lugar que deveria ser um espaço seguro e acolhedor, a sua casa.

Aquela criança e sua família iriam ressignificar a minha identidade. Enquanto eu enfrentava um dos meus maiores desafios, uma ruptura familiar, com o divórcio dos meus pais, tudo que eu pensava era em como mudar a minha realidade e a do Lucas, e de todos aqueles outros jovens nas aulas de teatro.

Nossas histórias disfuncionais e o senso de ousadia nos aproximaram, nos conectaram e juntos encontramos refúgio. Cruzar o caminho com esse meu aluno não só trouxe um propósito como também aumentou minha paixão pelas causas ambientais, pelo impacto social, pela resolução de problemas, me conectando ainda mais com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Tudo isso me levou a criar o projeto de empreendedorismo/impacto social: **"DesintoxicAção: águas que salvam, hortas que transformam"**.

O projeto DesintoxicAção consiste na criação de um sistema de filtragem com sementes para descontaminar a água de um rio poluído da minha cidade, utilizando diretamente dessa água para irrigar hortas comunitárias ao longo de suas margens. Irado, não é? Mas fazer tudo isso não foi nada fácil.

Enfrentamos diversos problemas, dentre eles, a pandemia do COVID19. Durante a pandemia, nosso time foi impedido de fazer toda e qualquer ação de desenvolvimento de hortas comunitárias ao longo do Rio Barigui.

Quando recebemos a notícia acreditei ser o fim do meu projeto, mas por um momento, parei para lembrar do propósito. O que nos motivou a iniciá-lo? Então, me dei conta de que aquele era o momento em que Lucas, e tantas outras pessoas mais precisavam de ajuda. Reunimos nossas forças e adaptamos nossa estratégia, começando um movimento de arrecadação de alimentos para a produção de sopões beneficentes, pois, a fome não podia esperar.

Além de ajudar pessoas à margem da sociedade, esta iniciativa me trouxe várias oportunidades de desenvolvimento. **Em 2019, o Projeto DesintoxicAção conquistou o segundo lugar na 1ª Feira de Saúde, Ciência e Meio Ambiente da FIOCRUZ Paraná**. Ainda em 2019, fui selecionado como aluno bolsista no Projeto Formare, do Instituto Robert Bosch. Lá, eu pude desenvolver e entender mais profundamente os ODS, e até mesmo aprimorar meus projetos. A experiência também me ajudou a conquistar um posto de Técnico de Qualidade na Robert Bosch e hoje sou professor voluntário nas aulas de **"Criatividade e Inovação"**, do projeto do Instituto para jovens bolsistas.

Em 2020, fui selecionado como Jovem Embaixador do meu Estado, para representar minha Cidade, Estado e País em um intercâmbio de Missão Diplomática nos Estados Unidos Da América, junto a outros 49 incríveis jovens líderes, que assim como eu, estavam buscando **transformar suas comunidades e realidades**. No intercâmbio eu tive a oportunidade de conhecer outras realidades, integrando novas perspectivas e remodelando o meu projeto.

Em 2021, fui reconhecido pela Ashoka como Jovem Transformador. A Ashoka está interessada em reconhecer a jornada dos jovens e não apenas o impacto de seus projetos. Durante o processo, refletimos sobre a minha comunidade, minha história e trajetória de transformação desde minha infância até a criação do Projeto DesintoxicAção. Uau, quanta coisa, não é mesmo? Como jovem líder, agente de mudanças, Jovem Embaixador e empreendedor social minha jornada tem sido cheia de altos e baixos, e o melhor é que tudo que tenho aprendido é desafiador.

E por falar em desafios, lidar com tudo isso e ser forte em meio a todas as incertezas foi uma grande aprendizagem, uma vez que também precisava gerenciar minha nova condição, morando sozinho aos 17 anos. Enquanto Jovem Transformador encontrei diversos desafios, mas o importante é como eu os utilizei para potencializar meu trabalho, e essa é a mensagem que eu gostaria de deixar para vocês.

Se eu tivesse que dar um conselho, sem dúvidas ele seria: COMECE.

Independentemente de onde e como você está, comece. Descubra o real motivo pelo que você acorda pela manhã: o seu propósito, aquilo que incomoda você, e então, se engaje com outros jovens e unam suas forças. Nenhuma ideia nasce grande, então apenas comece e tire essa do papel, traga para o nível do consciente e, então, o processo de transformação se inicia. É no primeiro passo que a gente faz a mudança acontecer.

Uma vida de transformação é uma montanha-russa. Nunca é fácil, nem simples. Tudo bem, ninguém nunca me disse que seria! Há dias em que dá um cansaço e a gente se sente perdido, quase desacredita. Mas, essa fadiga se dissipa naqueles dias da garra, da audácia e da coragem de chegar lá, cada um ao seu tempo!

Juliana Pinho

Historiar-te
Macaé (RJ)

Por dois anos e meio, tive o privilégio de viver algo que nem o maior idealista poderia colocar no papel: um lugar onde palestinos e israelenses dividem beliches com total confiança um no outro, filhos de sobreviventes do Holocausto ensinam alunos alemães, e ex-refugiados da guerra no Sudão providenciam um lar para quase 200 adolescentes. Era um oásis no meio do Oriente Médio, uma bolha fértil para a paz - até que uma guerra de 12 dias estourou.

E foi ali, dentro de um abrigo antibombas, que eu tive a certeza que dedicaria minha vida para que nenhum outro jovem tivesse sua vida interrompida pela violência; e a porta de saída desse ciclo de ódio e sangue, não importa se em Tel Aviv ou em Gaza, no Rio de Janeiro ou Kiev, era a educação.

Essa história, a minha história, começou quando eu tinha 15 anos, e eu não fazia absolutamente nenhuma ideia da experiência que teria pela frente. Cresci na Região dos Lagos do Rio de Janeiro, no interior do estado, onde a gente tem a marra de carioca mas poucas das oportunidades de uma cidade grande. Desde criança queria aprender tudo sobre o mundo, e se possível, torná-lo um lugar melhor do que eu havia encontrado. A minha forma de viajar era através da aula de História, já que minha família não tinha condições financeiras de proporcionar muito além disso.

Sem sair da sala de aula, com o ensino maravilhoso dos meus professores, eu vivi a Revolução Russa, eu naveguei o rio Nilo no Egito Antigo e chorei as mortes da Segunda Guerra Mundial. Meu amor pela História me levou a criar em 2018 o projeto **Historiar-te**, com o objetivo de democratizar o acesso ao conhecimento e promover o aprendizado por meio da arte!

A ideia foi crescendo em mim por muito tempo. Primeiramente, a partir de uma conversa com minha avó, que não teve muito acesso aos estudos pela necessidade de ajudar a sustentar os irmãos. Percebi que, como consequência, até hoje em dia lhe é negado o acesso a muitas informações. Isso porque a linguagem que se usa para difundir conhecimentos é extremamente acadêmica e elitista. Isso me fez refletir sobre como o ensino ainda é tão tradicional e excludente, aumentando a desigualdade e fazendo com que jovens desistam dos estudos por se sentirem despreparados.

E aí vem também a questão da evasão escolar, que aqui no Rio é muito ligada à violência armada e ao tráfico de drogas. Como eu poderia fazer algo dentro das minhas capacidades, como jovem, e convencer uma criança ou um colega de que vale a pena ficar na escola, estudar e ir para a faculdade, quando o crime, de imediato, parece abrir muito mais portas? Como eu poderia tornar a aprendizagem divertida e inclusiva para aquele adolescente que já ouviu de todo mundo que não tem futuro e não vai chegar a lugar nenhum?

Como podemos tornar esses jovens casos de sucesso, e não casos de polícia?

Mesmo reconhecendo que esse é um problema sistêmico, enraizado na história do Brasil, e que necessita de políticas públicas efetivas para ser resolvido, eu queria gerar um impacto. Queria usar meu amor pela arte e a História para educar sobre os eventos que moldaram o mundo que a gente vive, provocando reflexão e oferecendo um material de estudo para os vestibulares.

Assim, utilizei do meu privilégio de acesso a uma educação de qualidade para compartilhar o conhecimento que eu estava recebendo. Contei com o apoio dos meus professores de História, Cássio Nunes e Jonny Marques, que me ajudaram muito com a elaboração dos roteiros enquanto ensinavam mais de 6 turmas de Ensino Médio. Comecei a criar uma série de vídeos animados com uma linguagem jovem, utilizando imagens, músicas, mapas mentais, e humor! A arte é uma linguagem universal! Também promove a inclusão de pessoas com dificuldades cognitivas, do déficit de atenção à dislexia.

Com o Historiar-te, descobri que mesmo com pouca idade, eu poderia impactar 5 milhões de pessoas ao redor do Brasil inteiro e outros países falantes de Português. Descobri que, durante uma pandemia, milhares de professores e alunos conseguiram estimular o aprendizado por causa dos meus vídeos. E, até mesmo centros públicos de educação me contataram para transmitir meus vídeos em rede estadual (valeu, São Paulo!).

Meu coração se enche de gratidão e amor com cada comentário de alunos agradecendo pelo conteúdo e relatando que nunca gostaram de História, mas por conta dos vídeos estavam se interessando mais, aprenderam com mais facilidade, tiraram nota máxima nas provas, passaram no ENEM e estão prestes a realizar um sonho.

Saber que eu tenho um impacto na vida dessas pessoas já retribui todas as horas investidas escrevendo roteiros, narrando, animando e editando cada vídeo. Com o tempo, também pude colaborar com professores de História de várias partes do Brasil, como o Matheus Chiquini, que me ajuda muito a garantir que o meu conteúdo é fiel aos fatos e não espalha mais desinformação pela internet.

E para além do universo digital, em 2018, eu e meus amigos também queríamos engajar os jovens da minha cidade - Macaé - em ações e debates fora das bolhas sociais. Assim, junto com minhas amigas Carol Olival, Luisa Gouveia, Carol Araújo e Eduarda Raposo, começamos o **Além dos Muros**. Esse nome vem da ideia que o aprendizado também deve acontecer fora das paredes das escolas, através do engajamento social e promoção do diálogo em espaços públicos.

O projeto durou mais de cinco anos, contando com mais de 100 voluntários em escolas públicas e privadas de Ensino Médio e realizou mais de 10 campanhas baseadas nas necessidades da

nossa comunidade. Um dos nossos maiores orgulhos foi participar da campanha nacional Livres para Menstruar, onde arrecadamos mais de 23 mil absorventes para pessoas em situação de vulnerabilidade, promovemos eventos de conscientização e passamos o projeto de Lei Municipal Nº 4766/2021, que assegura produtos de higiene menstrual gratuitos e acessíveis pela cidade. Isso tudo graças à liderança incrível do Além dos Muros, parcerias com instituições da cidade e um desejo muito grande dos jovens da nossa região de serem a mudança e aprenderem na prática.

Apesar de já me sentir realizada com o Historiar-te e o Além dos Muros, eu ainda tinha em mim o sonho de ver a história sendo escrita com meus próprios olhos, de pisar nos lugares que eu ouvi falar só nos livros, e de poder aprender com pessoas de diferentes culturas. Mas qualquer tipo de intercâmbio ainda estava fora do meu alcance financeiro, e estudar fora do Brasil muito menos.

Foi na escola que conheci Haroldo e Cecília, que me apresentaram a uma comunidade linda de brasileiros que se dedica a compartilhar recursos sobre bolsas de estudos e processos seletivos no exterior, a BRASA. Foi no grupo do Facebook da BRASA, que, em uma certa madrugada deslizando pelo meu celular, encontrei a Eastern Mediterranean International School (EMIS), um internato internacional de impacto social com a missão de educar esta geração para mudanças realmente duradouras.

Apesar de ouvir de todo mundo ao meu redor que isso era loucura, que me tornaria a nova Morena de Salve Jorge, eu sabia que o EMIS era o lugar para mim. O dia que eu fui aceita com bolsa foi o dia em que minha mãe chorou um oceano inteiro, e eu soube que minha vida mudaria para sempre. Levei na mala o Inglês abrasileirado e muito amor para quem eu encontrasse nessa jornada.

Foram dois anos intensos e longe de casa, onde cada dia era uma nova troca de culturas, experiências e ideias. Era uma pequena amostra do melhor que o mundo podia oferecer - e não estou dizendo isso no sentido metafórico não, a cozinha era o exemplo perfeito: comida vietnamita, russa, tanzaniana... Os cheiros tomavam conta do corredor, e não posso deixar de mencionar que quando os brasileiros faziam brigadeiro, não havia quem não viesse correndo implorando por uma colher.

No entanto, fomos levados de volta à realidade assim que a primeira sirene do foguete disparou e tivemos 90 segundos para correr para o abrigo antibombas. Foi quando vi pela primeira vez os rostos humanos por trás do conflito. Não se tratava mais de **"terroristas ou combatentes da liberdade"**, **"Solução do Estado Único ou Solução de Dois Estados"**, mas sobre como meus amigos israelenses e palestinos tiveram suas vizinhanças inteiras destruídas por bombardeios e irmãos mortos em atentados terroristas, em lugares que a diplomacia não alcança. E agora, cada um com seu próprio trauma transgeracional, seus próprios keffiyehs e kippahs, dividiam um bunker com seus supostos inimigos. Para mim, esse foi um chamado desesperado por mudança. Nós, os jovens naquele bunker, tínhamos a responsabilidade de nos unir e finalmente acabar com esse conflito a partir da educação que estávamos recebendo. De ir 'além dos muros' que nos separaram. Enquanto isso, do lado de fora, seus líderes transformaram o céu em um show de destruição em massa que pareciam até fogos de ano novo.

Eu não precisava nem ler as notícias para sentir a dor do que estava acontecendo. Saber que a família do meu amigo Palestino Basel já estava sem eletricidade há um dia por causa da guerra civil em sua cidade, que minha colega de quarto Fátima não estava vestindo o hijab fora da escola com medo de ser linchada,

que meus amigos israelenses estavam sendo recrutados para o exército para morrer uma possível guerra... tudo isso era devastador.

As madrugadas foram as piores. Por vezes, a sirene tocava mais de três vezes: para que dormir, se em breve eu acordaria em um pulo? Às vezes, eu levava meu próprio colchão para o bunker, com medo de acordar tarde demais.

Ao mesmo tempo, eu tinha o privilégio da segurança. Do outro lado do muro, Palestinos inocentes em Gaza não tinham nada. O incidente dos bombardeios abriu feridas não cicatrizadas em nossa comunidade. Mas para isso mesmo que a escola existia. Foram promovidas oficinas de narrativa dupla, reunindo professores e alunos israelenses e palestinos para discutir paz e história, enquanto inúmeras sessões foram programadas para abordar nossas emoções. Eu me envolvi em vários programas de facilitação de conflitos, pelo Charney Resolution Center e o YOCOPAS, e ainda assim, depois de me formar, passei seis meses trabalhando na escola, em período integral, auxiliando os alunos em seus projetos. Desde então, como grupo, superamos sistemas de crenças e narrativas divergentes, tempestades de areia, provas finais, surtos de piolhos, saudades de casa e até uma pandemia.

O Historiar-te e o Além dos Muros me mostraram o poder de transformação do jovem quando trabalhando junto. O EMIS alimentou meus pensamentos e meu estômago – as vantagens de ter uma colega de quarto italiana – além de me ensinar os pilares da resiliência e da empatia. Essas oportunidades construíram quem eu sou hoje, e me deram uma família incrível de jovens inspiradores espalhados pelo Brasil e pelo mundo. A educação transformou a minha vida, e espero poder continuar usando esse direito para criar um mundo livre de violências e 'muros', seja no Brasil, em Israel ou na Palestina.

Lívia Silva

@levanta__jovem
levantajovem.com
Capanema (PA)

Eu cresci em uma família liderada por mulheres potentes e acolhedoras, que me ensinaram o amor ao próximo na prática do dia a dia. Na infância, as memórias de minha avó recebendo primos, tias, amigos e parentes, da casa cheia de familiares, sempre me proporcionaram um forte sentimento de comunidade.

Lembro que quando eu tinha 12 anos de idade, a Dani, uma mentora da minha igreja, me fez um convite: ser professora do ministério infantil. Quando iniciei eu não tinha nenhuma noção de como se ensinava, de como se contava uma história, como engajar as pessoas para aprenderem um princípio por meio de uma história.

Tudo isso foi um processo de começar do zero, de observar muito como as aulas eram direcionadas, como você motiva as crianças, como você as engaja. E depois de seis meses, só ali observando, auxiliando, eu me lembro bem que a Dani enviou uma mensagem falando que não ia conseguir participar da aula infantil naquele dia, mas ela queria que eu assumisse o seu lugar. Eu estava muito nervosa, mas foi muito significativa a experiência. Foi uma oportunidade de dar um passo realmente além em direção ao protagonismo, de ter autonomia para realizar esse serviço à comunidade e, principalmente, me ver facilitando a aprendizagem. Trabalhar no ministério infantil, trabalhar com crianças sempre me tocou muito. Eu entendi que realmente poderia contribuir com a formação desses seres humanos. Então, parei e disse: **"Isso aqui faz diferença, sabe? A educação realmente transforma o ser humano"**.

Essa foi a minha primeira experiência com voluntariado. Com toda a certeza trabalhar no ministério infantil foi essencial para construir uma perspectiva sobre a educação, mas também de me ver como líder.

Aquela menina Lívia, que vinha de uma realidade muito desigual, com uma mãe empregada doméstica, tendo sofrido ausência paterna até os 13 anos de idade... Então me via cercada por tantas situações difíceis que eu cheguei em um momento em que disse a mim mesma: **"Essa é minha realidade e eu preciso me contentar com ela"**. Mas, a oportunidade do voluntariado me resgatou desse modo resignado e me reconectou com a educação, com outras

pessoas e comigo mesma, de uma forma que realmente mudou minha maneira de ver o mundo e de ver a mim mesma, foi uma experiência muito significativa.

Eu lembro que aos 13 ou 14 anos de idade, eu era uma adolescente sonhadora, que amava a ideia de viajar. Comecei a buscar na internet intercâmbios gratuitos para jovens de baixa renda. Pesquisei no Google e apareceu para mim um programa muito interessante chamado *Jovens Embaixadores.* É um programa promovido pela Embaixada dos Estados Unidos aqui no Brasil, que leva jovens de baixa renda, de escola pública e que têm um bom nível de fluência no Inglês para ter uma experiência de intercâmbio nos Estados Unidos. Lembro de olhar os requisitos e pensar: **"Eu sou comunicativa, faço trabalho voluntário, sou engajada na escola e tenho notas boas. Mas não tenho domínio do Inglês"**.

Como uma jovem de baixa renda e escola pública pode aprender a falar Inglês quando na escola não se ganha proficiência? Lembro de ter ficado intrigada com essa questão: **"Como que eu vou fazer para aprender Inglês?"** Então, contactei algumas pessoas, comecei a pesquisar cursinhos gratuitos e cheguei a fazer um cursinho de quatro meses na minha cidade. Era um bom cursinho, mas não era o que eu precisava. Não tive contato com o conteúdo que eu precisava aprender para ser aprovada no exame dos Jovens Embaixadores.

Então, comecei a estudar sozinha. Foi um super desafio, foi um processo de muita perseverança. Ouvir áudios em Inglês, estudar, e não perceber tanto progresso. Mas, com o tempo isso foi mudando e eu lembro que quando fui fazer minha inscrição do programa, já com 15 anos de idade, eu disse à minha mentora: **"Olha, eu quero muito aplicar para esse programa, eu cumpro os requisitos desse perfil, eu quero ter a experiência que eles vão proporcionar, mas eu sei que não vai dar certo, porque eu**

sei que eu não vou conseguir ter bom desempenho nas provas". Foi aí que a minha mentora falou: **"Lívia, tente porque é melhor você arriscar e não ser aprovada, do que não ser aprovada porque não tentou."**

Essa fala me marcou e me inspirou em vários outros momentos. A mentora Daniely é especial em muitas etapas da minha vida, porque ela me ajudou a acreditar que era possível e ela me acompanhou até Belém para fazer as provas. Teve a disposição e a energia para me ajudar nesse processo. Isso é indescritível!

Eu fiz a prova dos Jovens Embaixadores, cheguei na final do programa. Quando soube que tinha sido uma das jovens selecionadas para participar do programa, foi uma explosão de alegria! Meus companheiros e companheiras de turma eram incríveis, pessoas que eram muito engajadas em projetos sociais, já estavam liderando organizações que estavam fazendo mudanças na sociedade e aquilo me inspirou muito.

Ter esse contato com jovens líderes de todos os estados do Brasil foi algo sensacional e me fez parar para pensar: **"Poxa, há jovens líderes de todas as regiões do Brasil aqui. Esses jovens têm um potencial imenso para mudar as suas comunidades. Por que isso não acontece na minha comunidade? Por que isso não acontece em uma cidade chamada Capanema, no interior do Pará? O que falta para despertar essa potência dos jovens da minha cidade?"**

Eu passei quase um mês nos Estados Unidos e quando eu voltei, fiquei refletindo muito sobre o que eu poderia fazer para mudar essa realidade. O que eu poderia criar, como que eu poderia realmente usar todos os conhecimentos que eu tinha adquirido para propor uma solução. Eu pensei em muitas alternativas antes de criar o Levanta Jovem, pensei em uma mentoria, pensei em cursinho gratuito, em um projeto com foco nas crianças. Mas,

concluí que a minha melhor contribuição seria a proposição de um projeto com foco na juventude, para que reconhecesse o seu potencial de liderança.

Foi aí que iniciei o **Levanta Jovem**. Em 2020, criei um documento delineando o projeto: quais seriam os objetivos, quais seriam as nossas metas. Isso foi em fevereiro. Mas, em março a pandemia nos atropelou. Fechou todas as escolas, a gente se viu em um beco sem saída. Como implementar esse projeto majoritariamente voltado a jovens estudantes de ensino médio? Como vamos encontrá-los se as escolas estão fechadas?

Nossa solução foi realmente adaptar as ações para o ambiente online. Passamos 2020, eu e alguns colegas, nos debruçando sobre a adaptação do projeto, sobre como funcionaria sua aplicação online. Em 2021, tivemos a oportunidade de realizar a primeira edição da mentoria do projeto. Foi incrível falar sobre liderança, trazer profissionais para abordarem temas como autoconhecimento, inteligência emocional, empreendedorismo social.

São temas tão relevantes para o mundo de hoje, mas pouco abordados nas escolas, que pouco instigam os jovens a pensarem sobre o seu potencial. Na mentoria do Levanta Jovem, a gente proporciona esse espaço de acolhimento, esse espaço onde realmente acontece a troca de ideias, onde você consegue se sentir acolhido e você consegue se sentir capaz de gerar as mudanças que você quer, de executar os propósitos que você tem em mente, ou mesmo de identificar o que você quer da sua vida, quais são os seus sonhos e seus objetivos.

Hoje o Levanta Jovem tem quase dois anos de atividades e aprendizagem prática. Já impactamos mais de 500 pessoas, por meio de mais de 20 oficinas, 15 sessões de mentoria e muitas outras iniciativas em planejamento. **Hoje, eu me orgulho muito do que o Levanta Jovem está se tornando.**

Já estamos vendo uma nova geração chegando ao projeto, como a Karol, uma amiga que conheço desde a infância, que tinha o desejo de se envolver com as causas sociais. Karol chegou a participar da mentoria do Levanta Jovem em 2021 e agora atua como voluntária de engajamento comunitário e está liderando uma competição de redação incrível, com tema relacionado ao autoconhecimento e sua importância na jornada do desenvolvimento humano.

Ela nos contou que antes da mentoria não sabia o que era autoconhecimento, não sabia exatamente do que gostava, o que queria para sua vida, tinha dificuldade de identificar seus interesses. Estava tão concentrada no Enem, tão preocupada em passar na prova, que não encontrava tempo para se descobrir, entender o que gosta de fazer. Depois da mentoria Karol se descobriu em muitos aspectos, inclusive como uma pessoa capaz de gerar mudanças sociais.

Com toda a certeza, ouvir aquele depoimento foi para mim um momento muito especial e me fez perceber a essência do Levanta Jovem. Não é só sobre compartilhar conhecimento, mas é construir espaços onde jovens compreendam a potência que eles já são. Não importa se vêm do interior, da uma pequena cidade do norte do Brasil ou se moram nas grandes capitais, no centro ou nas periferias. Mas é realmente fazer com que se percebam como pessoas capazes, não só como futuros líderes do Brasil mas como lideranças do agora, do hoje. No Levanta Jovem, estamos realmente comprometidos em fazer com que os jovens se vejam dessa forma e consigam realizar seus planos.

A Lívia de hoje não se sente mais só nessa jornada. Não deixo as oportunidades de transformar o estado das coisas passarem sem que eu aja. Hoje eu consigo olhar para a comunidade, entender seus problemas e propor soluções.

Esta é a minha jornada e eu me sinto forte para atuar em várias iniciativas. O Levanta Jovem é uma delas. Mudar o mundo começa por mudar a sua vizinhança, agir sobre os problemas que você encontra no seu bairro, na sua cidade, aquelas que você realmente quer que nunca venham a se perpetuar. Então, levanta e foca nisso.

Luan Torres

@projetoarboo
São Bento do Una (PE)

Sou Luan Torres de Moraes. Nasci na cidade de Garanhuns (PE), mas morei a maior parte da minha vida na cidade de São Bento do Una. Venho de uma família do agreste nordestino, que por muitos anos experienciou momentos de extrema pobreza. Devido às fortes secas da minha região e à falta de oportunidades, minha família nunca teve acesso a uma educação de qualidade e viveram uma condição de subnutrição. Sabendo desse passado dos integrantes da minha família, sempre fui incentivado pela minha mãe a estudar. Ela dizia que seria a única forma de mudar a nossa realidade!

Na minha infância desejava ter todas as profissões. Era o meu maior sonho e me lembro até hoje como foi triste descobrir que poderia ter apenas uma. Eu sempre fui uma criança muito artística, hiperativa e muito persistente para conseguir tudo o que eu queria. Lembro que com apenas 8 anos, eu decidi que iria trabalhar para fazer uma grande festa de aniversário (já que minha mãe não tinha condições de financiar uma com seus recursos). A partir desse dia eu comecei a carregar baldes de água potável do poço para os vizinhos da minha comunidade. Desde então, dos 8 aos 15 anos, sempre trabalhei nos tempos livres da escola para realizar meus sonhos e ajudar a minha família.

Aos 15 anos, fui aprovado em uma escola técnica pública de tempo integral da minha cidade, e foi lá onde eu tive contato pela primeira vez com as aulas de Filosofia. Na primeira aula, o professor Dilermando apresentou a ideia de senso crítico. Era sobre olhar para o mundo a partir de uma perspectiva onde eu sou um agente de mudança em relação aos problemas que eu enfrentava diariamente.

Nesse dia me dei conta de que eu estava **"acostumado"** a ver situações de fome e subnutrição no bairro onde eu vivia e, de certa forma, as normalizava. E quando eu fazia o trajeto para ir à escola, via cada dia mais árvores sendo cortadas. Daí em diante, a ideia de que eu poderia fazer alguma coisa virou motivo de várias noites mal dormidas, pensando sobre **"como eu poderia mudar aquela realidade?"**, mesmo também sendo parte de uma classe de pessoas de baixa renda.

A princípio, a primeira ideia que eu tive foi de chamar meus amigos para realizar mutirões contínuos de limpeza, próximos ao rio que dá nome à minha cidade, o Rio Una. Paralelamente, eu comecei a pensar que eu poderia fazer mais, e melhor. Eu percebi que a fome era uma das causas que mais me comoviam e que a natureza era o ambiente com o qual eu mais me conectava.

Então, depois de algumas semanas fazendo o percurso a pé para escola, encontrei uma árvore frutífera de acerola que produzia muitos frutos. Porém, a maior parte era desperdiçada. Para mim era inconcebível ter tantas pessoas na minha cidade com fome, enquanto tinha tanta comida saudável sendo desperdiçada.

Mais tarde, com as sinapses realizadas no caminho à escola, decidi que eu queria plantar mais árvores frutíferas livres (em lugares de fácil acesso) para que as pessoas tivessem acesso a frutas (comida) de forma gratuita. Com isso, convenci os meus amigos que cada um poderia contribuir para o projeto de alguma forma. Assim, demos início ao processo de arrecadação e germinação de mudas frutíferas, em agosto de 2018. Surgiu o Projeto Arbo.

Meses depois, com o crescimento orgânico do projeto e da nossa equipe de voluntários, tive o privilégio de me conectar com a Academia de Liderança da América Latina (LALA) e o programa de Jovens Transformadores da Ashoka. Eles foram divisores de água para o meu entendimento de que o que eu estava fazendo poderia se tornar empreendedorismo social e que a forma que eu estava liderando o nosso grupo de voluntários contribuía diretamente para a meta do movimento **Um Mundo de Pessoas que Transformam**, articulado pela Ashoka. Com estas conexões, mesmo vivendo em tempos sombrios, onde o meio ambiente e a fome eram tratados de forma irresponsável, as conexões com as juventudes transformadoras foram o constante combustível da minha vontade de mudar a realidade da minha cidade e do meu País.

Com estes anseios no horizonte e uma educação integral de qualidade na bagagem, tive então a oportunidade de participar de diversas conferências e ampliar ainda mais minha rede. Fui selecionado jovem embaixador do Brasil nos Estados Unidos. Tive uma experiência de deputado federal na Assembleia Legislativa, o que me permitiu promover a discussão sobre um projeto de lei

ambiental de minha autoria. Com a experiência adquirida, pude, posteriormente, incidir sobre a criação e aprovação de dois novos projetos de leis na câmara de vereadores da minha cidade.

Em 2020, fui aprovado no curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal Rural do Semi-Árido. A euforia da aprovação veio seguida da pandemia do COVID19, que, consequentemente, afetou o meu processo de estudo e trouxe à tona a condição de milhares de pessoas em situação de fome. Naquele cenário, o Projeto Arbo já não poderia expor os voluntários ao vírus, e por isso, nos adaptamos, dando enfoque ao treinamento de novas lideranças jovens, conscientes dos problemas existentes nos sistemas alimentares e ambientais do Brasil.

Em quase dois anos de isolamento, treinamos e instigamos mais de 240 jovens das cinco regiões do Brasil que lideraram pesquisas e ações junto a cerca de duas mil pessoas. No final de 2021, voltamos a realizar mutirões, conseguindo plantar 190 árvores frutíferas. Não chegamos a institucionalizar o Projeto Arbo ou a organização CASA (nome que damos ao conjunto de outras ações sociais que realizamos), o que possivelmente teria aberto outras possibilidades de financiamentos para nossas ações. Mas, sempre trabalhamos de uma forma solidária e bem coordenada, enfatizando a organização social e o protagonismo juvenil.

Com os aprendizados no curso Arquitetura, tive a possibilidade de conectar o meu ativismo com o espectro da arte. Comecei a realizar mostras em entidades como o Sesc Consolação e Ribeirão Preto, que me ajudaram a entender novas facetas do processo de ativação do pensamento crítico. Agora, em outro espaço de aprendizado e ação, percebo a importância de ter praticado a agência de transformação na adolescência. Independentemente do espaço onde atue, permanece o meu propósito e compromisso, o de construir comunidades sustentáveis e autossuficientes, por meio da tecnologia, do ambiente, da arquitetura e da arte.

Luiz César da Silva

@mjpop_matagrande
Mata Grande (AL)

Caipira, tosco, desprovido de conhecimento, excluído e invisível por todos. Assim me tachava a sociedade. Eu era uma criança com grandes sonhos. Tinha sede de estudar. Mas, a realidade estava me fazendo deixar de sonhar. Mas, eu não desisti. Essa história é cheia de infortúnios e vitórias. Poderia enfatizar apenas as minhas conquistas, mas eu preciso lhe contar a minha origem. Que tal começar pelo 16 de novembro de 2001?

Um casal de agricultores, pobres e sem escolaridade, residente no sítio Pedra Miúda, na zona rural de Mata Grande, interior do estado de Alagoas, espera o nascimento do seu segundo filho. Mas esse filho estava muito apressado, querendo sair da barriga da sua mãe e conhecer o mundo. Nem esperou chegar ao hospital. Nasceu rapidamente na zona rural! Hoje, com 20 anos, sigo apressado, apressado para acabar com a fome, o trabalho infantil, a violência contra as mulheres, os desastres ambientais, entre outros muitos problemas que nos acometem.

Não é fácil ser criança, adolescente e jovem na zona rural dos rincões do Brasil. Presenciava constantemente a fome entre meus primos e amigos. Muitos adentravam a mata para caçar passarinho e atenuar a fome. Outros eram obrigados a sair da escola, por intimação de seus pais: **"Ou você estuda, ou você come, estudar é para rico"**. Eu não queria essa realidade para mim, e nem para meus amigos. Tinha um desmedido pavor de deixar a escola para trabalhar na roça. Com seis anos de idade meus pais me colocaram na escola. O júbilo me dominou, pois era o meu maior sonho, estudar e poder realizar as minhas ideias. Mas, eu não sabia que para estudar eu também sofreria.

Andar a pé. Chegar na escola e muitas das vezes não ter professor. Passar fome. Não encontrar merenda na escola. E, ainda sofrer *bullying*. Esses eram alguns dos desafios que eu tinha que passar diariamente para poder estudar.

Eu só queria estudar e sabia que eu tinha esse direito. Mas esse direito estava sendo violado, meu sonho estava prestes a ser aniquilado. Enquanto os políticos da minha cidade negavam o direito ao transporte escolar, eles andavam de lancha em alto mar!

Muitos dos meus amigos desistiram dos estudos diante dessa situação. Vários foram trabalhar na roça. Moro na zona rural, a oito quilômetros de distância da cidade. Saíamos em um grupo de 15 primos e amigos, umas 5 horas da manhã, caminhávamos uma hora e meia até a escola. As aulas acabavam meio-dia e encarávamos mais uma hora e meia para voltar, com o sol a pino, cansados, com dores, e com muita fome.

Eu poderia ter desistido. Aliás, foi por pouco. Mas, não devemos nos deixar levar pela infelicidade. A força está na persistência, nos nossos sonhos. Quando estava indo a pé para a escola, cogitava: **"Não quero isso para mim e nem para os meus filhos, tenho que persistir para dar a volta por cima"**.

Muitos dos meus amigos que abandonaram a escola tinham sonhos. Grandes sonhos! Eles queriam ser médicos, cantores, artistas.... Quando jovens, a gente escuta frequentemente: **"o seu futuro só depende de você."** Só que para os meus amigos não foi assim. Eles queriam estudar. Eles queriam ter um futuro brilhante. Mas, tiveram que escolher entre os estudos e a comida. É diante dessa realidade que muitos jovens entram na rota da prostituição, das drogas, do crime. Isso não aconteceu com os meus amigos, felizmente! Eles escolheram o caminho da roça e das casas de família. Porém, sepultaram o seu maior sonho, o sonho de estudar.

Eu não poderia me calar, era o meu futuro que estava em jogo. Em 2013, com apenas 12 anos, eu reuni meus primos e amigos - um grupo de 20 adolescentes - para reivindicar o direito ao transporte escolar. Foi esse o marco inicial do projeto **Visibilidade da Juventude Rural**.

Meu projeto social foi criado por necessidade. Meus amigos e eu sofríamos *bullying* do pessoal da cidade, pois chegávamos suados na escola, melados de lama, com sandália estourada e, às vezes, eu nem entrava na escola com tanta vergonha. O objetivo do projeto era resolver de uma vez por todas esse martírio. Isso era um retrocesso, uma violência. Então, decidimos realizar nossa primeira ação: ir à secretaria de educação do município e solicitar o transporte escolar. Fomos tratados como invisíveis. Bateram a porta nas nossas caras. Se fossem jovens da cidade, pessoas com dinheiro, não seriam tratadas daquela forma. Mas desistir não foi e nunca será uma opção para mim.

Ainda em 2013, conheci a ONG Visão Mundial, que nos apresentou a metodologia MJPOP (Movimento Jovem de Políticas Públicas). Junto com os outros membros do projeto Visibilidade da Juventude Rural, comecei a participar de várias capacitações. Além disso, eu, um adolescente residente na zona rural, que nunca sonhei em sair da minha cidade, passei a representar o Estado de Alagoas no Colegiado Nacional da Visão Mundial. Nem em meus melhores sonhos poderia sonhar isso!

A partir de 2014, comecei a representar as juventudes do Estado de Alagoas em seis estados do Brasil (Pernambuco, Sergipe, Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará e Bahia).

Agora eu não era apenas um caipira, agora eu era o CAIPIRA, o caipira que tinha conhecimento dos seus direitos e deveres. Eu e meus amigos estávamos fortalecidos, preparados para reivindicar os nossos direitos mais uma vez.

Então voltamos à secretaria de educação. Eles bateram a porta nas nossas caras mais uma vez. Mas, aí a gente não se calou. Quebramos a porta, não na porrada, mas no conhecimento.

Depois de resolvida a questão do transporte escolar, não parei mais. Desenvolvi um olhar ativista e percebi vários outros problemas na minha comunidade, na minha cidade: fome, trabalho infantil, gravidez precoce, evasão escolar, violência, falta de projetos para as juventudes.

Então, o projeto Visibilidade da Juventude Rural se expande, começando a desenvolver diversas atividades, como: palestras informativas nas escolas municipais e estaduais do município de Mata Grande e Canapi; um projeto ambiental denominado **"Tá calor? Plante uma árvore"** e assim plantamos mais de mil e cem mudas de árvores em áreas desmatadas; o projeto Criança Feliz, onde levamos brinquedos e kits de lanche para crianças que vivem em situação de vulnerabilidade social. Desenvolvemos muitos projetos juntos, sempre contando com a empatia e muita força de vontade para ajudar o próximo.

Em 2017, fui nomeado pela chefa do gabinete do Estado de Alagoas como o jovem mais atuante do sertão de Alagoas. Esse também foi um marco importante não só para mim, mas para todos os jovens de Alagoas. Nesse mesmo ano, representei o Estado de Alagoas no primeiro Encontro Latino Americano de Segurança Pública em Fortaleza. Passei por muitas lutas, mas as conquistas estavam sendo compensadoras. Mas, eu tinha que viabilizar o meu grande sonho pessoal: entrar na na universidade.

Finalizei o ensino médio em 2018, na Escola Estadual Gentil de Albuquerque Malta. Fiz o Enem, pois só poderia entrar na universidade por meio dele. Não teria condições de pagar por uma faculdade particular. Quando o resultado do Enem saiu, meu coração disparou e minhas pernas tremeram. Obtive uma ótima nota e eu não só consegui passar em uma universidade, eu consegui passar em onze universidades federais. E então descobri que a universidade também pode ser lugar do caipira, do matuto.

Passei por tantos infortúnios, tive que ir a pé para a escola, ir à cidade para ter acesso à internet para estudar, pois na minha casa não tinha. Minha história é de superação, muitos me elogiam, mas eu não quero que outros jovens passem pelo que eu passei, o direito à educação é um direito de todos.

Hoje, eu curso duas faculdades, Geografia e Agropecuária, em instituições federais. Muitos ressaltam: Ah, ele é pobre e chegou à universidade. Sim, eu sei que eu sou uma exceção dentre as tantas crianças da zona rural que abandonaram a escola diante as condições cruéis. Muitos não têm a escolha de estudar, perdi a conta de amigos que trocaram os cadernos pela enxada'. É por isso que eu continuarei levando adiante o objetivo do meu projeto, que é ver os jovens sonharem e conseguirem realizar os seus sonhos, sem passar pelo o que eu passei.

Em 2021, fui reconhecido pela Ashoka, como um dos primeiros 15 Jovens Transformadores do Brasil. Minha cidade comemorou comigo. Dei várias entrevistas a sites, jornais locais, estaduais e até nacionais! Às vezes eu nem acredito que isso tudo aconteceu, que eu sou um Jovem Transformador, reconhecido internacionalmente. Não desistir me permite realizar os meus maiores sonhos.

Instituições como a Ashoka precisam multiplicar esta oportunidade. Dá visibilidade a nossas pautas e ações e amplia a nossa rede. Ainda em 2021, fui eleito Conselheiro Estadual de Juventude do Estado de Alagoas. E este é mais um passo importante na direção da incidência política que pode mudar estruturas.

Ainda enfrento diversos obstáculos, mas os obstáculos hoje me motivam a buscar um mundo melhor, onde o racismo, a violência, o desmatamento, o *bullying* entre tantos outros problemas sejam apenas uma lembrança ruim do passado. Eu sozinho posso fazer muita coisa, mas tenho certeza que todas as juventudes juntas farão mudanças extraordinárias, pois para mudar o mundo não é preciso ser político ou rico, no sentido convencional desses termos.

É preciso ter força de vontade, esperança e empatia. Desafios todos nós encontraremos, mas do céu só cai chuva e o resto é luta.

Luiz Henrique Ferreira

@rique_fer
Santarém (PA)

Meu nome é Luiz Henrique Lopes Ferreira, mas conhecido apenas como Henrique Ferreira. Tenho 23 anos, sou do signo de gêmeos e sou morador da comunidade de Carão, na aldeia Americano, indígena do povo Kumaruara da região do Tapajós, na cidade de Santarém, oeste do Pará.

A minha trajetória como uma liderança juvenil se inicia por volta dos meus 14 anos, quando fui aprendendo a história de criação da unidade de conservação em que vivo: a Reserva Extrativista (Resex) Tapajós/Arapiuns. Assim também eu comecei a entender os mecanismos organizacionais utilizados para gerir as comunidades, as aldeias e a Resex como um todo. A Resex Tapajós/Arapiuns foi criada em novembro de 1998, com a finalidade de proteger uma grande área de floresta já habitada das mãos de madeireiras, que tentavam se instalar nesta região.

Depois de um grande processo de luta, a unidade de conservação foi criada. Desde então, trabalhamos pela manutenção dos direitos e pela implementação de políticas públicas nessa área. Por estarmos em uma região ribeirinha e afastada do centro urbano, que é a cidade de Santarém, as comunidades sempre estiveram muito alheias a todos os planos de governos, sempre feitos para a **"cidade"**. Nas comunidades, temos nossas próprias organizações representativas, que levam as demandas comunitárias para o governo municipal e fazem as devidas cobranças aos gestores públicos.

Quando eu comecei a entender esses processos, passei a participar das reuniões que aconteciam entre as comunidades. Por muito tempo a minha comunidade também ficava alheia a todas as informações, pois não tinha representantes neste local de fala e tomada de decisões. Ao mesmo tempo, já existia toda uma organização de jovens e de coordenação geral da comunidade. Logo após começar a participar mais ativamente das reuniões, eu passei a coordenar o grupo de jovens da comunidade, onde além de desenvolvermos projetos, também atuávamos com representantes de juventude. No grupo de jovens participavam adolescentes e jovens da comunidade, se organizando, engajando e representando nossas pautas dentro do conselho organizacional da Resex.

Nisso eu fui crescendo muito como liderança e conquistando um espaço que antes os jovens não tinham dentro de reuniões importantes para todas as comunidades. Em 2014, eu fui escolhido pra fazer parte da diretoria executiva de uma organização composta primeiramente por 14 comunidades que discutiam, além da implementação de políticas públicas, a interligação dessas comunidades através de ramais (estradas) que conectavam e melhoravam de várias formas a organização comunitária. Eu fazia parte desse conselho como representante de juventude. Um dos meus desafios também era fazer com que os jovens se engajassem e que cada vez mais participassem desse conselho.

Afinal eu poderia falar sobre as demandas juvenis de 14 comunidades! Então, para que nós conseguíssemos o engajamento, precisávamos fortalecer nossas bases, tanto nos grupos de jovens de cada comunidade que fazia parte do conselho, assim como na coordenação de cada comunidade. Era muito importante que para o funcionamento do conselho, as coordenações das comunidades estivessem bem organizadas e assim tudo fluísse muito bem. Então, nós realizamos os nossos puxirum (mutirões).

Os puxirum são tradicionais nas comunidades. São realizados para juntar todas as comunidades e abrir os ramais para cada comunidade de forma braçal, na foice e no facão. Era uma forma de animar todo mundo. Assim, o trabalho nunca era cansativo, todos trabalhavam com muita alegria.

A gente realizava reuniões nas comunidades para mobilizar cada puxirum e também para cada assembleia. No conselho nós tivemos muitas conquistas, como trazer o prefeito até as comunidades para que as comunidades pudessem apresentar suas demandas diretamente a ele.

Conseguir uma cadeira no conselho deliberativo da Resex, o órgão máximo de gestão do território, possibilitou também a conquista de nossa representação no Conselho de Juventude Municipal. Ter todo o meu trabalho reconhecido pela Ashoka, enquanto Jovem Transformador, facilitou a conexão com várias organizações e a participação em eventos onde pude levar a voz da juventude ribeirinha para o mundo. Um dos eventos foi o festival de conversas Humanorama, realizado pelo Rock in Rio Lisboa, Portugal, onde pude trocar um pouco da minha experiência enquanto amazônida e enquanto ativista que defende este espaço que é de suma importância para o mundo.

Trilhando todo esse caminho de ser representante do meu território, eu tive que sair da minha comunidade e alçar novos voos. Consigo representar e levar o nome do meu território por todos os lugares em que vou. Porém nesse processo de deixar o território não pude seguir com as formações de novos líderes e essa é uma dor minha e de todos os jovens que também tiveram que fazer esse caminho.

Sinto que as organizações juvenis em algumas comunidades não conseguiram manter os seus grupos organizados. **Olhando para o futuro, estou tentando fazer o caminho inverso e retornar para a comunidade**, ajudar na formação de novos líderes para fortalecer o trabalho de luta e manutenção do território com a floresta em pé.

Além disso, também pretendo ajudar na formação de uma associação juvenil no meu território para promover ainda mais a formação de novos líderes e representantes comprometidos com as causas socioambientais.

Luiza Louback

@porummundo_melhorbh
Belo Horizonte (MG)

Meu nome é Luiza Louback, sou de Belo Horizonte, Minas Gerais e eu tive minha vida transformada pela literatura.

Minhas primeiras memórias estão conectadas com o mundo dos livros, desde a voz suave de minha mãe contando histórias antes de dormir até os papéis brilhantes que recobriam os livros que minha avó me presenteava.

Eu cresci numa casa habitada por sete mulheres, que mesmo com a falta de oportunidades educacionais, me mostraram que por meio dos livros e da educação, eu poderia buscar um futuro melhor para a minha família. Apesar de não ser uma grande leitora, minha mãe queria que eu me tornasse uma, e isso mudou a minha trajetória.

Com o passar do tempo, além da leitura, a escrita criativa se tornou um refúgio e um abrir de olhos para novas realidades. Com caneta e papel, descobri uma maneira de lutar. Meu ativismo e poesia vivem em paralelo, pois carrego a responsabilidade de comunicar meus valores culturais através da literatura. Eu escrevo porque acredito em um mundo melhor.

Mas, ao olhar ao meu redor - meus colegas de classe, as crianças da escola pública onde minha mãe trabalhava como assistente social - percebi que os jovens não estavam interessados na leitura. O Brasil perdeu, nos últimos quatro anos, mais de 4,6 milhões de leitores e o brasileiro lê em média apenas 2,43 livros por ano, segundo dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil.

Assim, entendi que os livros também estão inseridos nas problemáticas e desigualdades da nossa sociedade, e no transcorrer de nossa história como nação foram e ainda são objetos de exclusão social. O projeto **Por Um Mundo Melhor** surgiu quando eu e minha melhor amiga e leitora assídua, Larissa Alves, percebemos o quanto as experiências que tivemos em nossa infância foram um privilégio, e quão importantes os livros foram na construção de nossa identidade.

Por Um Mundo Melhor busca retirar os livros dos ambientes acadêmicos e elitistas e criar uma ponte entre a literatura e a comunidade, democratizando a literatura para populações de baixa renda.

Nós trabalhamos com diversas faixas etárias: crianças, jovens e idosos e com cada grupo nós levamos a literatura de uma maneira diferente. Nós fazemos um acompanhamento humanitário, conhecendo cada pessoa, seus gostos e vivências, e construindo as raízes do hábito literário aos poucos. Os livros não podem ser um item de luxo, nem uma obrigação e por isso é tão importante o cuidado na hora de apresentar a literatura.

Semanalmente, eu entrava em escolas públicas frágeis e encontrava bibliotecas vazias, cadeiras quebradas e crianças desmotivadas. O projeto combina o lúdico com a arte, doando livros, organizando peças de teatro e contando histórias. Juntamente com uma equipe de voluntários jovens, doamos cerca de dois mil livros para creches, escolas públicas, centros de migrantes, lares de orfanatos e hospitais públicos na região metropolitana de Belo Horizonte.

Depois de meses, eu podia sentir as primeiras mudanças. Os olhos brilhantes das crianças ao ouvir histórias e a empolgação de ler novos livros me mostraram o florescimento do hábito de leitura que eu estava cultivando. Desde as lágrimas de alegria de Julia ao receber seu primeiro livro aos contos incríveis de Jorge, trago comigo cada criança que passou a acreditar no poder transformador dos livros.

Para mim, a literatura está na vanguarda da educação e do ativismo social. Portanto, pretendo continuar trabalhando no setor sem fins lucrativos para **promover a acessibilidade literária em comunidades carentes por meio da arte e da contação de histórias**.

Marcelo Borges

@folhasquesalvam
folhasquesalvam.org
Aparecida do Rio Doce (GO)

Sou Marcelo Borges, Marcelinho para os mais chegados. O meu envolvimento com a transformação social começa quando eu tinha apenas 14 anos e eu vou contar pra vocês.

Em 29 de Outubro de 2002, lá no hospital municipal de Caçu (GO), nascia um menino, até o momento normal em relação às outras crianças. Talvez esteja aí minha questão, eu nunca me senti somente mais um, sempre senti que eu estava vindo para a terra para ser o Marcelo Borges, e que meu nome iria ficar na história por onde eu passasse.

Apesar de ter nascido e ter toda minha família em Caçu, eu cresci mesmo em uma fazenda 20 km distante de Aparecida do Rio Doce, um município de 4 mil habitantes no interior do interior do estado de Goiás. Foi uma honra ter crescido ali. Vivi momentos inesquecíveis, aprendizados que levarei para a vida toda. Acredito que daí tenha vindo todo meu amor pelo ambiente. Sempre tive muito contato com a fauna e flora. Ver animais silvestres de perto era uma realidade pra mim e cuidar da natureza sempre foi uma preocupação. Meus pais me incentivaram muito nisso, falavam sobre a importância de cuidar do planeta hoje, para que possamos respirar amanhã.

Sempre estudei em escola pública, no ensino fundamental, que é de responsabilidade da prefeitura. Passei por muito perrengue, por diversas vezes vi minhas professoras desembolsarem dinheiro para comprar material didático e poder dar aula. Já teve um dia de faltar merenda. Muitas vezes, o transporte rural atolava ou quebrava. Eu saia de casa todos os dias às 4h30 da manhã, para chegar às 6h45 no portão da escola. Foram nove anos estudando na Escola Municipal Vereador João Justino e, nesse período, diversas professoras me ajudaram a enfrentar essas dificuldades, especialmente Cristina Albino, Geonece, Katia e Keyla Marcyelle. Sem essas mulheres incríveis na minha vida, provavelmente eu não estaria onde estou hoje. Elas nunca desistiram de mim e sempre acreditaram que eu poderia chegar onde eu quisesse. E olha só, onde eu cheguei!

Quando tinha 14 anos, senti que estava na hora de fazer algo, hora de gerar impacto na vida das pessoas. Veio aí minha primeira atividade como ativista ambiental. Eu queria fazer uma palestra sobre meio ambiente na escola, queria que as crianças soubessem que o mundo estava acabando. Então, lá fui eu vender meu peixe. Fui direto na sala da diretora e expliquei claramente o que eu queria fazer. E, pasmem, ela topou de primeira.

Em maio de 2017, eu já estava fazendo uma palestra de 37 minutos para compartilhar com crianças e jovens o estado do nosso planeta e o que aconteceria se não mudássemos a situação. Cerca de 300 estudantes foram assistir. Lembro de ver meus olhos brilhando no espelho do banheiro antes do evento começar, pois eu tinha achado o que eu queria para minha vida. Acho que se tem um ponto que nunca vou esquecer são os comentários das pessoas depois do evento, me parabenizando, isso ficou gravado na minha memória. E, é um motivo de muita felicidade!

Também fizemos o plantio de algumas mudas de árvores pela escola e sempre que eu via alguns dos alunos no recreio, eles me abordavam para dar notícias sobre a mudinha que cada sala havia plantado. Essa construção afetiva me cativou ainda mais, pois ali eu tinha certeza que a sementinha da consciência ambiental estava plantada e germinando, a palestra estava gerando impacto, mudando a mentalidade das crianças, mudando o futuro do nosso planeta.

Os anos foram passando e eu continuei realizando algumas atividades com a população do município. Em 2018, ingressei no Colégio Estadual São João, um colégio de ensino médio. Eu me encontrei ali. Descobri o movimento estudantil, conheci alguns programas institucionais oferecidos pelo governo e me tornei Agente Jovem, que aqui em Goiás é bem parecido com os representantes de turma, mas tem um papel muito mais de conexão dos estudantes com a comunidade escolar. Com isso acabei conhecendo a professora Vanessa Carvalho, coordenadora de protagonismo juvenil da secretaria de educação do estado de Goiás. Ela abraçou minha causa e me impulsionou nos meus interesses, abrindo novas oportunidades.

No colégio, outras cinco pessoas foram essenciais na minha jornada: a coordenadora Joana Darks, o diretor Servilio Ferreira e as professoras Janaina (Química), Jessica (Biologia) e Meire

(Português e Redação). Sempre me deram muito apoio, me ensinaram muito sobre ouvir as pessoas, sobre liderança colaborativa e como me posicionar para obter consenso. Até os dias atuais ainda falo com muitos deles e gostaria que soubessem quão importantes foram na formação do meu caráter. Tenho um carinho enorme por vocês.

A virada da chave veio em 2019. Em maio desse mesmo ano, para ser mais preciso, no dia 25. A professora Jessica estava dando uma aula sobre o bioma do Cerrado. Como o fogo faz parte da dinâmica desse bioma, discutimos como ele vem sendo desmatado nos últimos anos, e como resta apenas uma pequena parte da sua cobertura original.

Lembro-me bem que era uma terceira aula. O sinal tocou para o recreio. **Eu senti que tínhamos que fazer algo pelo ambiente do nosso município.** Chamei Luis Renato e Tatielem e os convidei para que fossem até a fazenda em que eu morava para plantarmos juntos mudas de árvores nativas do Cerrado em uma área de erosão. Achei que aquilo seria um primeiro passo e que nos levaria a pensar em próximas ações.

Dito e feito. Conforme o tempo foi passando fomos intensificando as ações em nosso município, com o objetivo de gerar impacto ali, em Aparecida do Rio Doce. Coletamos lixo de praça pública, falamos com as pessoas na rua sobre as ameaças ao ambiente, engajamos outros alunos da escola... sempre postando nossas ações em um instagram que havíamos criado.

Os meses foram passando e em meados de agosto de 2019 começamos a receber mensagens de pessoas que moravam em outras cidades, inclusive fora de Goiás. Elas queriam fazer parte do projeto, mas não tínhamos noção de como poderíamos realizar ações junto com essas pessoas.

Logo nos coordenamos e, em outubro, já tínhamos uma proposta elaborada para fazer acontecer no âmbito nacional. Criamos nosso Programa de Embaixadores. Abrimos as inscrições, criamos um formulário online e recebemos 21 inscrições de sete estados. Todas as pessoas inscritas tinham um mesmo propósito, ter ambientes mais saudáveis em suas comunidades.

Juntos, realizamos plantio de mudas, coleta de lixo em áreas poluídas, palestras em escolas, dentre outras atividades específicas à demanda local.

Cada programa de embaixadores dura cerca de seis meses e integra 30 jovens. Em 2022, rodamos a quinta edição do programa de Embaixadores e já temos mais de 170 embaixadores egressos, espalhados por quase 100 cidades, em 24 dos 27 estados do Brasil. Estimamos que mais de mil pessoas tenham sido impactadas diretamente e 3 mil indiretamente, colocando a mão na massa, melhorando o ambiente onde vivem e mudando atitudes.

Para nós não importa se um embaixador vive em uma grande metrópole com mais de um milhão de habitantes ou em uma pequena cidade com menos de 10 mil, o que vale é mostrar que todas as pessoas tem o poder de agir positivamente para melhorar a qualidade do lugar onde vivemos, que podemos mudar vidas através de ações como essas.

Além do Programa de Embaixadores, também realizamos outras atividades, como eventos de formação na área ambiental, com convidados experientes na área, evento ao qual damos o nome de Jornada Ambiental; realizamos também um concurso sobre

os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU, onde selecionamos políticas públicas para a área ambiental para serem implementadas em alguma prefeitura do Brasil em parceria com o ICLEI - Governos Locais pela Sustentabilidade.

Além disso, buscamos manter nossas redes sociais sempre ativas e com informações quentinhas, produzindo a newsletter Meio Ambiente em Foco, enviada mensalmente para os assinantes. Temos também nossos núcleos locais, conduzidos e liderados por ex-Embaixadores que realizam ações em suas comunidades e mobilizando outras pessoas presencialmente, já não mais como embaixadores do Folhas que Salvam, mas como lideranças desses núcleos.

Para que tudo isso acontecesse, tivemos que montar um time de pessoas comprometidas com a causa, que hoje é composto por cerca de 50 pessoas incríveis! Elas estão divididas em nove times de trabalho: Diretoria Executiva, Coordenação do Programa de Embaixadores, Coordenação dos Núcleos Locais, Coordenação da Rede Alumni, Comunicação, Controle Interno, Gestão de Pessoas, Relações Institucionais e Newsletter e Interação com a Comunidade. Todas as pessoas trabalham de forma voluntária para fazer o projeto acontecer, acreditando fortemente no propósito e onde queremos chegar. Sem essas pessoas seria impossível fazer tudo o que fazemos. Só estamos aqui pelo trabalho de cada um que fez parte da nossa história. A história do Folhas Que Salvam é a nossa história, como comunidade jovem.

Em 2021, fui reconhecido pela Ashoka como um Jovem Transformador. Desde então surgiram muitas oportunidades. Idealizar e conceber este livro é um exemplo. Fazer parte de uma rede com tantas pessoas incríveis como estas que contam as suas história aqui está sendo uma experiência e tanto! Foram muitas novas portas abertas para mim, e o principal é sentir que acreditam na juventude e como podemos transformar o mundo.

Como diz Bill Drayton, fundador da Ashoka: **"para alcançar uma transformação social positiva é preciso confiar e apoiar os jovens, eles querem uma mudança profunda e têm ideias inovadoras"**.

Trabalhar em projetos sociais nunca foi fácil e continuará sendo um desafio para a nossa geração. Mas não podemos desistir, temos que apoiar e reerguer a cada adversidade. Quando alguém tentar abater a sua energia e a sua esperança, levante e siga em frente.

Se você ainda não começou a sua jornada de transformação, comece agora. Nunca é tarde. Tem algum problema em sua comunidade que incomoda você? Coloque a mão na massa, experimente uma alternativa que vai gerar impacto positivo na sua comunidade. Você verá que aos poucos vencerá as barreiras e terá novos aliados. Mude o mundo. Seja um jovem!

Maria Clara

@plantoxproject_dfc
Itabira (MG)

Meu nome é Maria Clara!. Tenho 15 anos, sou de Itabira (MG), uma cidade a pouco mais de 100 km da capital Belo Horizonte. A história que vou contar começou há alguns anos, quando eu tinha apenas 12 anos. Às vezes nem eu mesma acredito que com essa idade eu já tinha dentro de mim uma vontade enorme de fazer a diferença.

Mas antes de começar essa história, vou voltar um pouco no tempo. Em 21 de outubro de 2006, no Hospital Nossa Senhora das Dores, nascia uma menina! Eu sempre fui muito curiosa e queria saber de tudo, perguntava sobre tudo. Eu não parava quieta, aquele tipo de criança que chama atenção por onde passa e deixa todo mundo de cabelo em pé. Toda a minha família veio do interior e eu nunca tive vergonha da minha origem. Muito pelo contrário, sempre amava os finais de semana quando ia para a casa da minha avó.

Com a família toda junta era muito melhor! Eu e meus primos ficávamos à tarde toda nadando e brincando no rio. E quem disse que quando a gente chegava em casa a brincadeira acabava? A gente ficava até de noite brincando no quintal e era uma luta colocar a criançada toda pra dentro de casa. E pra tomar banho então? A gente corria do chuveiro, porque sabia que depois do banho não se podia mais brincar no quintal.

Quando completei quatro anos, minha mãe e eu deixamos Senhora do Carmo, um distrito rural. Fomos morar dentro da cidade de Itabira. Minha mãe resolveu ir embora em busca de trabalho e uma vida melhor, mas não foi fácil! Ela trabalhava dia e noite e, por isso, nós nos víamos muito pouco. Nessa época moramos de favor na casa da minha tia (irmã da minha mãe) que cuidava de mim para que minha mãe pudesse trabalhar. Depois de alguns meses, minha mãe alugou uma casa onde moramos por muito tempo.

Sempre tive minha mãe como minha maior inspiração, ela é a mulher mais forte e batalhadora que eu conheço e eu tenho muito orgulho dela! Quando estava quase completando seis anos, ingressei no Colégio Municipal Professora Didi Andrade e mal sabia eu, que mais tarde aquela escola mudaria pra sempre o meu futuro. Lá eu conheci Kele (guardem este nome pois ela

tem um papel muito importante nesta história). Nessa época ela era diretora do Colégio e no 6º ano se tornou minha professora de História.

No 5º ano eu sofri muito *bullying* por parte dos meus colegas de classe. Eles falavam de tudo: que meu cabelo era ruim, por ser cacheado, falavam do meu corpo - por eu ser muito magra -, da minha maneira extrovertida e falante de ser, sem contar os apelidos e as críticas que me endereçavam. Isso fez com que eu desenvolvesse muitas inseguranças e medos que eu acabei guardando só pra mim. Eles fizeram com que eu acreditasse que tudo de ruim que eles falavam sobre mim era verdade.

Quando eu entrei no 6º ano, a professora Kele, durante as suas aulas sempre, falava sobre os problemas sociais que persistem na sociedade. As aulas dela me fizeram perceber várias coisas que aconteciam dentro da escola sob uma nova perspectiva, coisas que me incomodavam, que eu não concordava e não achava justo que fossem aceitas e normalizadas pelos meus colegas.

Vendo tudo o que acontecia, eu sentia a necessidade de refletir sobre o impacto das agressões em mim mesma e também ajudar os meus colegas, para **fazer por eles o que ninguém nunca tinha feito por mim quando eu me sentia deprimida**.

Na época, o problema que mais me incomodava era **o preconceito e a falta de informação em relação à homossexualidade** e as dúvidas que muitos alunos tinham sobre o que é a comunidade LGBTQIA+.

Então, junto com uma amiga resolvemos procurar a professora Kele. Além de falar e explicar sobre o assunto dentro da sala de aula, era a professora que nós mais confiávamos e sabíamos que ela iria nos ajudar.

Tivemos a ideia de criar um grupo de apoio para alunos que faziam parte da comunidade LGBTQIA+ e que também seria aberto a estudantes que quisessem conhecer mais sobre o assunto. Porém, durante as reuniões nós percebemos que aquele não era o único assunto que precisava ser tratado com mais atenção dentro da escola, e que as pessoas precisavam entender a dor que elas causavam nas outras quando manifestavam os seus preconceitos.

Assim, criamos o projeto que ganhou o nome de Fora da Bolha. Ele se chama assim porque o intuito do nosso projeto é fazer com que as pessoas tenham empatia, que elas saiam de seus círculos sociais e conheçam novas realidades totalmente diferentes da delas. Acreditamos que assim elas possam entender a importância de se colocar no lugar do outro e entender que uma atitude, uma palavra nossa pode influenciar e muito na vida de outra pessoa.

O projeto foi muito bem recebido pelas pessoas da escola e contou com a ajuda do psicólogo e do conselho tutelar para os casos mais graves. Hoje, o projeto aborda gênero, classe, raça, etnia e muitos outros assuntos. O projeto conta com um canal no YouTube, com vídeos que dramatizam histórias reais contadas pelos próprios alunos da escola, e é uma forma de conscientizar as pessoas e levar o projeto para além dos muros da escola.

Em 2019, o projeto foi um dos sete projetos premiados pelo Criativos da Escola, e, por isso, nós fomos representar o Brasil na Itália na conferência *I Can*. Lá apresentamos nosso projeto para pessoas de mais de 60 países e estar lá foi uma das melhores experiências da minha vida. Eu não fazia ideia da grandeza da minha ação até estar lá e entender que eu não estava sozinha e que eu poderia fazer muito mais pelas pessoas.

Em 2020, fui indicada para participar do Conselho Estudantil Internacional do *Design for Change*. Era a primeira brasileira a fazer parte do Conselho que contava com 11 estudantes, cada um de um país diferente. Juntos criamos um projeto chamado Plantox que tem por objetivo ajudar a restaurar o oxigênio do mundo plantando árvores. Mesmo morando em diferentes países e não falando a mesma língua, isso não nos impediu de unir nossas forças e fazer a diferença. Plantamos mais de 2.700 árvores ao redor do mundo e queremos continuar ampliando este movimento e influenciando ainda mais pessoas a nos ajudarem na missão.

Em 2021, acabei conhecendo a Ashoka e resolvi me inscrever para o processo seletivo de Jovens Transformadores. Conheci ainda mais jovens ao redor do Brasil após integrar esta rede, que assim como eu, têm o desejo de ajudar o mundo a ser um lugar melhor!

Meu pai sempre me disse que eu poderia ser o que eu quisesse, independentemente de onde eu vim, e que isso não poderia determinar quem eu seria. Eu carrego essa mensagem com o maior orgulho do mundo porque sei que isso é só o começo. Sei que eu ainda vou levar a minha voz a muitos lugares e contribuir com a jornada de mais pessoas. Tenho orgulho de ser quem sou, de onde vim e de dizer que sou filha dos meus pais. Todos aqueles comentários maldosos da infância só me deram mais forças para fazer a diferença. Somos o agora e podemos mudar a nossa realidade!

Sou uma Jovem Transformadora e acredito em um mundo melhor, acredito que nós jovens somos a chave para a mudança que você está lendo nesta e em outras histórias deste livro.
E que tal começar a escrever a sua jornada de transformação? Faça a diferença, coloque a mão na massa e mude algo que incomoda você. Nós somos a diferença!!

Mariana Nunes

@redeautoestima_se
redeautoestimase.com
Conceição do Almeida (BA)

Sou uma jovem do interior da Bahia, nascida na Região do Recôncavo Baiano, debruçada na fonte do samba de roda, na sultana das flores - apelido carinhoso à minha cidade natal de Conceição do Almeida -, município de pouco mais de 17 mil habitantes.

Eu me tornei uma menina sonhadora, com muita fé na humanidade, na compreensão e na esperança de dias melhores. Antes do meu nascimento, já frequentava as salas das universidades no ventre materno. Já refletia sobre a história, a geografia, a filosofia. Já sentia as vibrações do questionamento: qual é o sentido da vida? Nasci no mundo da tecnologia, num momento em que as pessoas passam por mudanças profundas na forma de pensar, de agir e reagir diante da transição de um novo século, de um novo milênio!

Desde pequena, me aproximei desse questionamento da vida. Sempre estive em busca de respostas sobre o significado da nossa existência. Aos oito anos, me deparei com o sofrimento humano. A psicologia diz que, a partir dos sete anos, as crianças iniciam o seu processo de entendimento e raciocínio dos fatos através da observação empírica e vivência cotidiana. Com toda a certeza, se tiver que contar onde estou, preciso descrever de onde venho e como tudo começou.

Descobri cedo meu interesse pela psicologia, nas leituras sobre as bases formadoras desse campo do conhecimento e dos escritores da ciência. Talvez tenha sido algo inconsciente, do coração mesmo, e que resultou no desejo de fazer parte da psicologia podendo ajudar as pessoas através da escuta psicoterapêutica. Segundo Assumpção (2002): **"as psicoterapias consistem num processo continuado de comunicação, ou seja, um relacionamento definido por contrato específico (código) entre os envolvidos, com objetivos terapêuticos"**.

A leitura sempre esteve presente no meu dia a dia, me fez chegar até mundos desconhecidos, imaginar futuras realizações. A leitura me permitiu aprimorar a escrita. Aos 14 anos, comecei a escrever projetos de lei para o Parlamento Jovem Brasileiro, programa institucional da Câmara dos Deputados que seleciona 78 estudantes do ensino médio para jornadas legislativas dentro

do Congresso Nacional. Eu queria me tornar uma dessas jovens e aprender mais sobre os trâmites institucionais, as comissões, os partidos criados e as articulações políticas.

Contudo, para chegar até a seleção, os jovens, junto com as suas escolas e professores, têm que desenvolver um projeto de lei em âmbito federal e encaminhá-lo para a secretaria de educação dos seus estados.

Nesse primeiro ano de inscrição ao Parlamento Jovem, escrevi o meu primeiro projeto de lei que 'dispõe da inserção de métodos terapêuticos como meditação, pintura e musicoterapia para alunos, professores e funcionários dentro das escolas públicas e privadas do Brasil, com o apoio de psicólogos e psicopedagogos'.

Naquele mesmo ano, a primeira tentativa me levou apenas à etapa estadual, não sendo selecionada para o programa. Dali decidi levar o projeto em questão até a Câmara Municipal na minha cidade e apresentá-lo como um projeto que pudesse se tornar uma legislação local. Assim, iniciei a minha entrada no espaço político, com apresentação de outros projetos de lei que se tornaram legislações vigentes.

O projeto em questão não foi realizado por falta de recursos financeiros mas decidi que fundaria uma iniciativa: o Vereador Jovem Almeidense (Parlamento Jovem Municipal), na cidade de Conceição do Almeida, tendo com inspiração o próprio programa da Câmara dos Deputados.

Ali em 2018, a jornada foi muito árdua. Entrar na política faz com que nossos sentimentos sejam expostos a uma classe que é composta por muitas pessoas que visam apenas os seus objetivos pessoais e não o bem-estar da nação e de suas comunidades. Lembro como se fosse hoje, sentada horas e horas esperando as pessoas me atenderem em secretarias, na porta da prefeitura e

conversando com vários círculos sociais da cidade para que os projetos em minhas mãos fossem aprovados, tivessem apoio e gerassem mudanças efetivas.

O Vereador Jovem Almeidense foi um momento muito marcante na minha jornada. Foi o primeiro projeto em que atuei como voluntária e coordenadora. Fez com que eu descobrisse uma paixão pela liderança social e começasse a vislumbrar mudanças para o futuro. No mesmo ano, fui aprovada no Parlamento Jovem em Brasília, já em minha segunda tentativa com o projeto que 'dispõe de métodos terapêuticos de yoga e meditação para vítimas do tráfico humano, vinculados aos Núcleos de Enfrentamento do Tráfico de pessoas com apoio dos psicólogos dos CAPS (Centros de Atenção Psicossocial)'.

Sou a prova viva de que uma oportunidade pode mudar os rumos da vida de alguém. Quando acreditamos em nós, na nossa história, e temos o apoio de amigos, família e comunidade, não é só a vida de um jovem que pode mudar completamente, mas também o futuro das próximas gerações.

Depois de um longo ano de dedicação à política e construção de projetos de Lei, em 2020, iniciei a fundação de um projeto chamado Rede Autoestima-se. Tudo começou com a vontade de reunir jovens para falar sobre saúde mental e práticas holísticas através de rodas de conversas em escolas e locais públicos.

No mês de janeiro, após ter concluído o ciclo escolar do ensino médio, eu não tinha muitas alternativas, mas tinha a vontade de trabalhar com profissionais da psicologia e me dedicar à causa da saúde mental. Logo nos deparamos com a pandemia do coronavírus. Eu não imaginava o quanto aquele projeto que estava sendo gestado poderia ajudar a salvar vidas ao redor do país durante o período de calamidade pública.

A Rede Autoestima-se surge com amigos e conhecidos que encontrei na jornada do Parlamento Jovem. Muitos de estados diferentes e que eu nem conhecia pessoalmente. É importante contar que eu não era uma adepta das novas tecnologias. Sempre fui a estudante que preferia livros impressos, a escrita à mão e conversar com as pessoas fisicamente.

No entanto, a Autoestima-se surge como um novo desafio às minhas preferências e habilidades. Nos primeiros meses me dediquei a entender como tudo poderia funcionar. A estruturação de uma equipe, que rapidamente teve que se configurar com psicólogos e apoiadores para dar conta das consequências da pandemia, foi um dos maiores desafios. A Rede passa a abraçar o autoconhecimento, como forma de apoiar os cuidados com a saúde mental. Ao mesmo tempo em que eu adaptava a rede ao novo contexto, passei também a entender mais sobre os caminhos da transformação pessoal e das minhas potencialidades, o que não foi tarefa fácil.

No momento, a Rede Autoestima-se conta com cerca de 50 colaboradores e colaboradoras voluntárias em 16 estados do Brasil. Essa equipe compõem o corpo administrativo, interno e de psicólogos acompanhantes que oferecem atendimentos gratuitos de forma online, através de psicoterapias focais breves.

Em 2021, fui reconhecida pela Ashoka como Jovem Transformadora. A inserção na comunidade Ashoka ampliou as possibilidades de colaborações, transformando a minha vida e a de todos e todas que estão ao redor da nossa organização. A Rede Autoestima-se se tornou uma ONG Nacional em Saúde Mental e Educação Socioemocional. Estamos transformando o Brasil acreditando no poder da saúde e da educação, democratizando tratamentos psicológicos, aliados às práticas holísticas como o próprio yoga e a meditação para a população.

As organizações sociais possuem muita força para realizar os seus objetivos e na Rede Autoestima-se isso não é diferente. Venho administrando e colaborando através da Direção Executiva para o desenvolvimento dos trabalhos, em especial dos nossos voluntários que se doam, semanalmente, em suas funções distribuídas em 15 setores que colaboram entre si.

Para participar da nossa rede, os interessados podem encaminhar currículos pelos nossos canais de comunicação e participar dos processos seletivos. Nossa equipe conta com psicólogos, estudantes do curso de psicologia, profissionais do direito que orientam questões jurídicas, contadoras e estudantes do ensino médio. Os nossos pilares são o autoconhecimento, o bem-estar físico e a harmonia. Acreditamos que esses são elementos essenciais na vida de cada ser humano e um princípios básicos para se conviver bem em sociedade.

Sempre me importei com a saúde mental de cada pessoa. Sabe aquele questionamento inicial sobre a vida e existência humana? Esse questionamento nos acompanha desde sempre e é bem documentado pela filosofia grega e romana. A psicologia é banhada desses pensamentos e isso transformou a minha curiosidade em luta para combater os estigmas associados aos cuidados com a saúde mental.

O Brasil está no topo dos países mais ansiosos no mundo. Temos modos de vida que desgastam o nosso período de existência na terra. Temos ativistas que estão doentes e lhes falta apoio. Presenciamos o descaso com as minorias e as pessoas marginalizadas.

Penso que os jovens têm muito que contribuir para a resolução desses problemas, seja criando suas redes, movimentos e organizações de apoio ou fazendo despertar o seu intelecto acerca das soluções para esses problemas e como elas podem ser compatíveis com as demandas das comunidades.

Aos que pensam em iniciar as suas iniciativas, digo para refletir sobre o que lhes causa angústias e investigar a raiz dos problemas. A reflexão é o primeiro passo e deve ser a prática de toda a construção e condução do seu projeto. Buscar pessoas ativas que acreditem no propósito da ação servirá de porta de entrada para construir os caminhos que a iniciativa deverá trilhar.

A paciência também é um quesito importante. Não devemos tentar criar apressadamente um grande projeto, esperando grandes impactos. Uma pequena iniciativa pode transformar vidas e isto já conta como um grande impacto. É claro que devemos ter mudanças estruturais como nosso objetivo final, mas é preciso saber reconhecer que em projetos existem acertos, erros e reformulações. Muitas vezes terá que recomeçar seus planos e isso faz parte da jornada de transformação.

Concluo dizendo a você que nos lê, continue acreditando, mesmo com todos os problemas que se apresentam. Temos muito o que construir para as nossas crianças e idosos, temos que recuperar a nossa essência que muitas vezes foi esquecida nos traumas do passado e nas ansiedades pelo futuro. Para lembrar que não estou só, costumo cantarolar a música Prelúdio, de Raul Seixas:

'sonho que se sonha junto é realidade'.
Quem está sonhando junto com você?

Midria

@iamidria
São Paulo (SP)

Me chamo Midria, nasci e cresci na periferia da zona leste de São Paulo. Para ser mais precisa, em um bairro chamado Recanto Verde Sol. Gosto sempre de dizer o nome da minha quebrada por onde passo me apresentando, pensando que um dia talvez ela se torne tão conhecida como o Grajauex do Criolo ou o Capão Redondo dos Racionais. Me lembrar do meu lugar de origem é algo que me fortifica indicando os caminhos que verdadeiramente quero seguir, essa coisa de ser ancestral de si mesma, vocês já ouviram falar?

Sempre fui dessas alunas bastante dedicadas na escola, a queridinha da professora que senta na primeira carteira e que tem a resposta para todas as questões na ponta da língua. Foi nas aulas de uma estimada professora ainda no ensino fundamental que comecei a escrever poemas. Essa professora nos pediu que escrevêssemos um poema para casa e eu voltei para escola no dia seguinte com vários. Naquela época entendi que a escrita era um espaço gostoso e seguro de habitar. Eu escrevia e compartilhava os textos com minha avó e ela me elogiava dizendo que eu deveria continuar experimentando escrever.

Junto com a paixão pela escrita, veio também a imensa fissuração pelos livros. Comecei minha biblioteca com os de conto de fadas, mas aos 10 anos passei a ganhar livros como **"O Menino do Pijama Listrado"** do patrão da minha avó e aos 11 entrei em um projeto chamado **"Círculos de Leitura"**. Projeto no qual líamos clássicos da literatura e discutíamos as ideias contidas no livro, filosofando como todes pré-adolescentes bem deveriam experimentar fazer.

A literatura virou uma casa para mim, os livros um espaço de acolhida e as palavras nunca mais me soltaram.

Embora tão aberta para os livros, me lembro que também tive minhas fases preconceituosas. Na 8ª série escrevi uma redação criticando o funk e sua deterioração da imagem de mulheres e da periferia. Hoje em dia amo funk e fico pensando sobre como precisamos lutar para que essa, uma expressão da cultura negra e periférica no Brasil, seja devidamente valorizada.

O que essa passagem sobre maldizer o funk contextualiza é que naquela época, ainda no início da minha adolescência, o que eu vivia era um processo de desconexão em relação ao meu território. Quando olhava ao redor o que eu observava eram apenas sinônimos de atraso: o Estado não se fazia presente garantindo acesso a direitos mínimos como saúde, educação, transporte, lazer e cultura. E desse modo, meu maior desejo naquele tempo era me mudar e morar em um espaço mais próximo ao centro da cidade.

Ainda bem que não me mudei. Pouco tempo depois de escrever essa redação, já no ensino médio, eu conheci um universo fantástico dentro do meu próprio bairro: o Sarau do Vale. Já gostando de literatura – como nem deve ter dado para perceber até aqui – aceitei de pronto o convite de um amigo da escola quando ele disse que uma professora nossa vinha organizando um sarau em um bar da região. A primeira vez que fui ao sarau fiquei maravilhada com a possibilidade de acessar, viver e partilhar cultura na minha quebrada. Ali tão pertinho fui descobrindo artistas incríveis que tinham muita potência e ideias para trazer ao mundo, começando pelo nosso próprio território.

Eu mesma fui me desabrochando, compartilhando meus textos aos poucos nesse espaço do sarau e dali ganhei o título de **"poeta"**, o que nunca mais larguei. Aquelas poesias que eu escrevia ainda na 2ª série tomaram corpo e eu continuei escrevendo, sem nunca mais parar. Poesias sobre ser uma jovem, negra, periférica, meus dilemas sobre educação e suas desigualdades, e por aí vai.

Depois do sarau, outro movimento fascinante entrou na minha vida: os slams. Competições de poesia falada que estão presentes no mundo todo e que em São Paulo criam um espaço de troca entre poetas de diversas regiões da cidade. Diferentemente do

sarau, que tem uma aura mais familiar e intimista, slams são espaços de performatividade e expressão fortes em que nós poetas saímos gritando para o mundo aquilo que pensamos dele.

Participando de slams como poeta, pouco tempo depois fundei um slam com amigos meus. Foi a fundação desse slam que me trouxe até a rede de Jovens Transformadores Ashoka. Em 2018, primeiro ano com cotas étnico-raciais na USP, queríamos criar um espaço em que estudantes negres e indígenas se sentissem acolhides e pertencentes dentro da universidade. Foi nesse âmbito que surgiu o Slam USPerifa, com nosso grito **"Espaços negados, agora ocupados!"**. Parte do nosso intuito está em honrar a luta daquelas pessoas que vieram antes de nós, os movimentos negros que tanto se dedicaram à construção da política de cotas étnico-raciais como parte da reparação histórica em relação a estes grupos historicamente oprimidos.

Uma premissa da atuação que eu, Nuno e Ygor temos com o coletivo é pensar os processos de permanência como igualmente relevantes no ensino superior. Não basta ingressar, passar no vestibular: é preciso que você enquanto estudante negre, indígena e periférique tenha o apoio institucional da universidade, como bolsas de auxílio-moradia, alimentação, transporte e livros. Além de, é claro, se sentir parte do espaço da universidade.

As epistemologias que permeiam a academia no Brasil e no mundo são, na maior parte das vezes, brancas, européias, cisgêneras, heterossexuais e masculinas. Constroem e reforçam uma maneira universal de se enxergar o mundo, desconsiderando que faz muito mais sentido pensar formas pluriversais de existência em que múltiplas culturas e sociedades sejam respeitadas em sua integridade. No slam todas as formas de enxergar e se inserir no mundo têm espaço e assim poetas retratam em suas poesias as desigualdades e opressões que ainda precisam ser solucionadas em nossa sociedade.

Sempre dialogamos também no slam sobre como existem muros físicos e simbólicos que rodeiam a universidade. Eu mesma, aos 13 anos, quando ouvi de uma amiga da escola **"Você tentaria estudar na USP?"**, sem saber muito ao certo o que a USP era, mas já tendo ouvido falar ser um lugar difícil e elitizado para se acessar, respondi que **"Talvez"**.

Fizemos uma primeira edição para recepcionar estudantes no curso de Ciências Sociais, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP) onde estudávamos à época, no ano de 2018. Depois dessa edição, diversas outras vieram pelo caminho em faculdades, institutos e outros espaços estudantis da Universidade de São Paulo. Com gigante alegria, poetas de toda a cidade começaram a frequentar o espaço da universidade, além do público que vinha apenas para assistir, como estudantes do ensino médio que estudam em cursinhos populares oferecidos no campus do Butantã. Muitas vezes ouvimos de poetas falas como **"Não sabia que era tão fácil entrar na USP"**.

E muitas vezes o que falta é exatamente o espaço do encontro, como o slam, em que tenhamos a possibilidade de ocupar este espaço antes negado. A universidade e suas estruturas excludentes podem e devem ser remodeladas para que cada vez mais meninas ao serem perguntadas sobre poderem ou não estudar na USP, respondam sem pestanejar **"Vou sim, esse espaço também é meu"**.

Rhenan Cauê

@rhenancaue18
Araguatins (TO)

Sou Rhenan Cauê, tenho 16 anos, sou do Tocantins e um jovem ambientalista, que cocriou o Projeto de Revitalização do Córrego Brejinho.

Venho contar um pouco da minha história para vocês. Sempre fui um menino muito curioso em relação ao meio ambiente. Nasci em Conceição do Araguaia (PA). Aos cinco anos de idade vim morar na zona rural de uma pequena cidade chamada Araguatins, que fica bem no Bico do Papagaio, estado do Tocantins. Desde então, sempre fui muito conectado com a natureza.

Vivi um episódio muito marcante aos 7 anos. Eu estava chegando da escola e me deparei com minha chácara toda em chamas. Muitos animais estavam com feridas graves e as árvores virando brasa. Ao ver a tristeza nos olhos daqueles animais, fiquei muito emocionado. **Desde então venho buscando aprender formas de ajudar aqueles animais, contribuir com a preservação e restauração do meio ambiente.**

Ao me mudar para a cidade, conheci o Córrego Brejinho. Logo identifiquei sérios problemas ambientais, como assoreamento, poluição, e desmatamento. O córrego tem muita importância, pois corta a cidade e desemboca no rio Araguaia, que é uma das principais bacias hidrográficas do Brasil, também conhecida por Araguaia-Tocantins. O Córrego Brejinho fez parte da vida dos moradores da cidade.

Conversei com vários deles, que chegaram a chorar ao lembrar como era o córrego antes e da importância que tinha tido em suas histórias. Então eu, meus amigos e professores juntamos forças e montamos uma equipe para criar o Projeto de Revitalização e Recuperação do Córrego Brejinho. Minha mãe era professora na época e sempre me ajudou bastante, me apoiando como professora e como mãe.

Com o projeto, fui representar minha escola na V Conferência Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente, na primeira etapa estadual. Concorri com 180 alunos de todo o estado do Tocantins e fui escolhido entre 12 jovens para representar o Tocantins na etapa nacional, da qual participaram mais de 800 jovens.

Nessa etapa eu aprendi a ser um mobilizador de jovens com o Edgar Gouveia. Ao voltar para casa, continuei em contato com Edgar, que estava lançando uma gincana chamada Primavera X, onde nós delegados da Conferência tínhamos que realizar missões, como: formar uma equipe, elaborar um projeto ambiental, executar as atividades e comunicá-las publicamente. Para nós, muitas dessas missões já estavam em curso. Então, investimos em documentar nossas ações em nosso diário de bordo, que era outra missão proposta pelo Primavera X. Essa gincana serviu como um manual para ampliarmos o projeto. Fomos buscando mais parceiros.

Como minha cidade é pequena, fui de porta em porta reunindo forças, formamos alianças com autoridades locais, órgãos públicos, universidades, e assim juntamos todos esses parceiros e comunidade em uma grande carreata. Fomos todos juntos às margens do córrego realizando a limpeza. **Conseguimos retirar três caçambas de lixo doméstico, galhos e sedimentos de dentro do leito do córrego.**

Alguns dias depois, realizamos outra etapa do projeto, que foi outra mobilização de toda comunidade e de parceiros para arrecadar mudas nativas do Cerrado. Com toda a divulgação e trabalho duro, indo a feiras, eventos públicos e pedindo mudas para a população, recebemos uma grande doação, de 500 mudas nativas do Cerrado, do secretário do meio ambiente do estado. Com essa notícia, pulamos de alegria.

Com todo o entusiasmo, juntamos os parceiros e a comunidade em mutirão e reflorestamos as margens do Córrego Brejinho. Pegamos as mudas arrecadas e as 500 mudas doadas pela secretaria. Distribuímos as mudas para cada morador presente no mutirão e começamos a revitalização.

Foi lindo ver cada morador com uma mudinha na mão! Fizemos uma caminhada às margens do córrego. Ali cada pessoa plantou a sua muda e se tornou responsável por ela restabelecendo a conexão com o Brejinho.

Todos abraçaram o projeto, reconheceram a importância do córrego e conseguimos mostrar como todos juntos somos mais fortes e capazes de realizar qualquer coisa pelo bem comum.

Rian Santos

@biblioteca_gurupa
Cachoeira do Arari (PA)

Sou Rian, jovem da Comunidade Remanescente do Quilombo de Gurupá, no município de Cachoeira do Arari (PA). Sou um dos coordenadores do projeto Biblioteca Comunitária Gurupá. O projeto iniciou com a ideia da jovem Evelyn Cardoso, poetisa. Juntos, ela e eu, formamos a coordenação literária da biblioteca comunitária. Evelyn percebeu que na escola da Comunidade não havia um espaço de leitura e de fomento cultural. Quando a iniciativa surgiu, em 2019, eu estava como chefe de turma do 9º ano do ensino fundamental. Evelyn, então no 8º ano, apresenta a proposta da biblioteca às turmas e eu imediatamente abraço o propósito.

Sempre fui atento ao mundo da literatura por gostar de ler e escrever. A falta de acesso à leitura sempre me deixou inquieto. Como escritor e poeta, essa chama literária que vive acesa em mim me fez querer levá-la a outras pessoas, para que se incendiassem também. Em decorrência da pandemia de COVID19, o projeto teve que ser paralisado. Já em 2021, com o avanço da vacinação e a liberação das medidas sanitárias, foi possível fazer algumas ações na Comunidade, como a apresentação da peça teatral que escrevi, **"Coitado do Boto"**. O intuito do projeto também é trazer de volta a identidade e a cultura de nosso quilombo, que em parte estão ameaçadas.

Esse resgate vem por meio das artes, rodas de conversas, partilha de vivências, trazendo à discussão temas importantes de nossa sociedade, com a prática sistemática da arte do diálogo.

O projeto Biblioteca Gurupá é coordenado por uma equipe de voluntários subdivididos em coordenações. Temos a coordenação pedagógica, com as professoras e pedagogas Estela Cardoso e Cleudelice Araújo; na coordenação literária estou eu e Evelyn; na coordenação de planejamento, os jovens Dheymison Santos, Elizio Oliveira e Leticia Batista; na coordenação de arte, o universitário Alan Batista, e, por fim, na coordenação de finanças estão Jhenifer Reis e Liandra Cunha. Juntos lideramos as ações da Biblioteca Gurupá.

Nossa equipe conta com o apoio da ARQUIG (Associação dos Remanescentes do Quilombo de Gurupá) e do Centro Magis Amazônia. Estamos na Comunidade Remanescente de Quilombo de Gurupá, no município de Cachoeira do Arari, ilha de Marajó, estado do Pará.

Toda a ação de mudança social gera impacto, o maior impacto é ver as pessoas sonhando conosco, participando e vendo que podem mudar a realidade. Ser inspiração para jovens interessados pela leitura, em busca de conhecimentos, sem dúvidas é também um dos maiores impactos que causamos. E para aqueles que sentem esta chama, essa inquietação por aprender e fazer arte, recomendo que reúna os amigos, familiares e bote a criatividade em prática. Tudo é possível. Persista.

Vinnicius Rodrigo

@somoscordel
somoscordel.com.br
Recife (PE)

Isso pode soar como uma história engraçada, considerando com o que escolhi atuar e trabalhar atualmente, mas desde meu ensino fundamental, antes de me tornar estudante de uma escola de tecnologia, meu desejo era ser dentista.

Como qualquer outro garoto da minha idade, eu via computadores e celulares apenas como ferramentas para conversar com meus amigos. Mas eu não conseguia ver o seu verdadeiro potencial. Não conseguia nem imaginar desenvolver jogos e transformar o mundo.

Meu pai foi frentista em um posto de gasolina. Minha mãe foi radiologista em formação. E eu sempre estudei em escolas públicas da minha cidade, no Recife (PE).

Recife já foi considerada a capital brasileira com o maior nível de desigualdade, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Além disso, as escolas públicas no Brasil são muito diferentes em qualidade e recursos em comparação com as escolas públicas da América do Norte ou Europa, por exemplo. Quando eu estava no ensino fundamental, sentia que em geral os alunos não tinham nenhum prazer ali.

No meu primeiro ano do ensino médio, fiz uma disciplina eletiva chamada **"jogos para mudar o mundo"**. Talvez você possa imaginar o que isso significou para mim! Durante esse período desenvolvi junto com meus colegas de classe, o protótipo do meu primeiro experimento lúdico: um jogo de tabuleiro inspirado no jogo de damas, porém com regras diferentes.

Dessa forma, no meu projeto, mudei as regras para limitar os movimentos possíveis de um dos jogadores no tabuleiro. Este jogador representava as mulheres em nossa sociedade. A proposta era demonstrar o quão difícil é vencer se seus movimentos são limitados enquanto o seu oponente pode se mover livremente em todas as direções que ele quiser.

No meu segundo ano, desenvolvi um jogo sobre o Império Inca, na América do Sul, para ensinar História e também projetei com meus colegas uma caça ao tesouro para motivar os educandos

a utilizar mais a biblioteca e se engajar na leitura. As pistas eram escondidas em livros que os estudantes deviam ler para desbloquear a próxima fase.

Os tesouros eram chocolates ou ingressos de cinema. Em determinado momento, comecei a me ver como um jovem capaz de promover mudanças sociais. Ir para o NAVE (Núcleo Avançado em Educação), escola técnica que foi projetada pelo Instituto Oi Futuro e a secretaria de educação de Pernambuco, ajudou-me significativamente a entender o meu papel no mundo e realmente mudou minha vida.

Comecei a oferecer workshops para outras escolas públicas e universidades a fim de ajudá-los com ferramentas básicas de tecnologia e gamificação. Mas a virada foi quando desenvolvemos um jogo digital inspirado no clássico **"O Pequeno Príncipe"**. A nossa versão se chamou **"O Pequeno Cabra da Peste"**, uma versão nordestina do clássico da literatura, disponível online gratuitamente como uma transmídia.

Na versão brasileira da história, o pequeno príncipe é na verdade um menino do campo que sobrevive à falta d'água em nossa região mais seca usando sua criatividade e bom humor. Fizemos um jogo e uma mini animação que ficou famosa porque a história é bem típica do nordeste semi-árido do Brasil. É sobre nós e a nossa realidade.

Então fui convidado a transformar nosso projeto Cordel em um negócio social. E assim entramos para um programa de aceleração no Porto Digital do Recife, numa parceria com o British Council, por meio do *Developing Inclusive and Creative Economies* (DICE). O Porto Digital é um dos polos de inovação mais importantes do país. Eu tinha 17 anos à época e estava no segundo ano do ensino médio.

Agora temos uma equipe consolidada e vários parceiros. E a melhor parte é que todos eram colegas de classe, também alunos do NAVE. Oferecemos consultorias e workshops de gamificação para escolas e secretarias de educação de municípios de Pernambuco. Com nossas produções, tentamos rentabilizar nas escolas privadas e oferecer o serviço a preços bem acessíveis para as escolas públicas.

De repente, começamos a dar entrevistas para jornais brasileiros e internacionais, os mais marcantes para mim foram a Forbes, o Jornal Valor Econômico e o Pioneers Post, revista britânica que conta nossa história, sobre como usar ferramentas digitais e analógicas como canais para mudanças positivas, além de impulsionar novos *changemakers*.

Algo marcante também foi contribuir com o Guia de Empreendedorismo Social na Educação, no qual o British Council foi parceiro. Vejo potencial de mudança social nos jogos porque eu acredito que nossa realidade está quebrada, nosso sistema educacional está quebrado e como game designers, que somos, podemos fazer algo a fim de iniciar um processo de transformação de práticas e mentalidades. Ora, podemos fazer isto quando construímos novos jogos com novas regras e mais empatia.

Eu aprendi que os jogos realmente podem transformar pessoas e formas de aprender, quando propõem novas lentes, novas regras, novas narrativas. Uma outra missão que temos é a de fazer com que jogos educativos não sejam algo chato. Muito pelo contrário. Como podem trabalhar a aprendizagem tangencial e estimular os alunos a buscarem mais conteúdos em outros lugares? Como podem tornar o aprendizado diversificado, conectado com outras mídias? Isso pode ser incrível para muitos professores e estudantes!

A Cordel também está olhando nessa direção. Queremos impactar as escolas públicas e pessoas de periferias, pois sabemos que no Brasil a maioria delas não tem muito acesso à tecnologia. Mas a gamificação pode ser usada de tantas maneiras, é um recurso básico para ensinar e aprender que pode ser usado desde a educação infantil.

Então, tem um grande poder de oferecer novas formas de disseminar e criar conhecimentos com os jovens. Queremos ser promotores da inovação social e assegurar que a tecnologia não seja mais um vetor da desigualdade. Fazemos isso por meio do empreendedorismo, que vai além de abrir uma empresa ou fundar um novo projeto, ele está relacionado a pequenas atitudes que tem reflexos positivos em sua vida, como o poder ser proativo ou enxergar algum problema e desejar resolvê-lo.

Acredito numa educação colaborativa e que escolas devem ser ambientes de experimentação, que promovam a criatividade e desenvolvam mais pessoas transformadoras.

Vitor Zanelatto

@vlzvitor
Atalanta (SC)

Faz algum tempo que eu sou chamado de ativista. Mesmo antes de entender o significado desta qualificação e quais os critérios para ser reconhecido dessa forma. Foi enquanto estava com meus colegas colocando a mão na terra para a restauração de áreas degradadas na Mata Atlântica e co-liderando atividades de educação ambiental em uma pequena cidade no coração de Santa Catarina que essa palavra me foi apresentada pela primeira vez. Naquela época, associei ativismo à mudança que podemos fazer por meio de nossas ações.

Crescer em uma pequena cidade agrícola, com pouco mais de três mil habitantes e muitos remanescentes da Mata Atlântica provocou o meu interesse pela biodiversidade e a busca por sustentabilidade. Em 2016, com alguns colegas da escola e o apoio de professores, criamos o **Plantando o Futuro**, um coletivo de jovens ambientalistas, que começou com ações muito práticas, colocando a mão na terra, plantando árvores e aprendendo como promover a identificação de outras pessoas com a causa.

As atividades nem sempre foram encaradas com bons olhos pela comunidade, mas acho que conseguimos conquistar confiança e respeito com o tempo, mostrando que além do discurso estávamos praticando o que defendemos. E a cada novo plantio, palestra ou ação com as crianças, tínhamos mais vontade de trabalhar por nossos ideais.

Conforme ampliava a minha participação em redes e movimentos juvenis, o significado de **"ser ativista"** também se expandia. As pessoas que conheci no processo seletivo da primeira turma de Jovens Transformadores Ashoka no Brasil me mostraram os vários caminhos que podemos seguir para promover mudanças estruturais em nossas comunidades.

Ainda em 2019, com a evolução de movimentos de *advocacy* sobre a emergência climática, embarcamos no desafio de promover as manifestações pelo clima do **Fridays For Future** no Brasil, mobilizando centenas de jovens e tomando consciência do nosso dever de acompanhar e cobrar atitudes concretas daqueles que se orgulham de serem proclamados como representantes da população.

Uma das grandes felicidades de estar na Ashoka foi o sentimento de pertencimento a uma rede de pessoas que realizaram feitos extraordinários em seus territórios, mesmo com recursos escassos e ainda menos apoio.

Aqui no Brasil, um dos primeiros empreendedores sociais reconhecidos pela organização foi Chico Mendes, que mostrou pelo exemplo como organizar comunidades e lutar por um futuro mais digno e sustentável.

Outros empreendedores sociais notáveis da rede Ashoka são: Raquel Rosenberg, fundadora do Engajamundo, que aglutina juventudes com incrível potência em prol da causa socioambiental; Wigold Schäffer, fundador da Apremavi, que restaura florestas da Mata Atlântica no Sul do Brasil, e Thaise Guzzatti, responsável por idealizar o Acolhida na Colônia, provocando uma mudança sistêmica na renda e qualidade de vida de centenas de famílias do meio rural de Santa Catarina. Cada história que a Ashoka reconheceu e apoiou ao longo do tempo mostra que é possível mudar realidades desafiadoras a partir da ação local.

É interessante perceber um padrão presente nas trajetórias desses empreendedores sociais.

Eles começaram a atuar já na juventude, sem esperar as melhores condições ou um conhecimento completo na área em que estavam dispostos a atuar.

Foi também assim com tantos outros jovens reconhecidos pela Ashoka, que formam um mosaico de causas e estratégias inovadoras que dão força a um movimento irrevogável de participação social e empoderamento da sociedade na construção do futuro. Não é um amanhã qualquer, mas o futuro que merecemos como cidadãos comprometidos com o bem comum,

onde as juventudes e toda a sociedade participam da tomada de decisões, tem acesso pleno aos seus direitos e podem desfrutar de uma realidade sustentável, segura e justa.

Para que a sociedade avance na construção do futuro ativista, é preciso garantir os espaços de escuta, de acolhimento e desenvolvimento das soluções que as juventudes já imaginaram para o nosso país. Os principais desafios do presente podem ser superados com a colaboração dos jovens, desde que eles encontrem estímulo e condições seguras para atuar. De certo modo, sem isso, é impossível que a cidadania seja exercida na prática. A participação das novas gerações é fundamental para o fortalecimento da democracia.

Ativismo assume então o caráter de caminho. É a prática da empatia e da justiça social. Manifesta-se como o fundamento para uma sociedade com os direitos essenciais garantidos para todos e se materializa em cada campanha para que os retrocessos e o obscurantismo não sejam uma opção.

Inicie a sua

Jornada Transformadora

As histórias deste livro inspiraram você? Saiba que há ainda mais recursos disponíveis para começar a sua jornada de transformação ou motivar crianças e jovens da sua família, escola ou comunidade a se envolverem no movimento **Um Mundo de Pessoas que Transformam**. Confira os materiais a seguir:

Histórias de Jovens Transformadores Ashoka em vídeo

Série de vídeos em que Jovens Transformadores apresentam seus sonhos de mudança, suas equipes e os impactos positivos que já estão gerando em suas escolas, comunidades e regiões. As histórias têm foco no desenvolvimento de habilidades transformadoras e revelam novos indicadores de sucesso ao crescer. Podem ser utilizadas para promover diálogos sobre o poder das juventudes e inspirar a jornada transformadora dos jovens.

Conversas sobre Crescer

Uma oficina de sensibilização, dedicada a pais e responsáveis, com o propósito de estimular crianças e jovens a praticarem Empatia, Trabalho em Equipe, Liderança Compartilhada e o Protagonismo Social. Se você quer ter esses diálogos em sua comunidade escolar ou organização, pode fazer um treinamento com a equipe da Ashoka. Para isso, escreva para nossa equipe: brasil@ashoka.org

Diz Aí Juventudes Transformadoras

Programa de formação em audiovisual para jovens nos Territórios Transformadores, com foco na agência de transformação e difusão de narrativas que amplifiquem novos paradigmas. A iniciativa é uma parceria entre o Canal Futura e a Ashoka e fortalece a liderança das juventudes na consolidação de parcerias com escolas, rádios, TVs e espaços culturais, dentre outros atores no seu território. As novas chamadas para o programa são divulgadas nas redes sociais e website da Ashoka no Brasil. A primeira temporada da série está disponível gratuitamente no Globoplay.

Debates Públicos nas Escolas

Têm o propósito de fortalecer a cultura democrática na comunidade escolar a partir de debates liderados por jovens. Esta série de roteiros convoca os estudantes à ação e mostra como, na prática, é possível se organizar coletivamente para incidir nos processos de tomada de decisão, sempre tendo o respeito e a inclusão como normas. A Ashoka faz chamadas trimestrais para integrar novos jovens interessados em liderar a iniciativa em suas escolas e comunidades. O ciclo envolve mentorias, trocas de experiências em nível nacional e visibilidade das ações nos canais de comunicação da Ashoka.

Para apoiar o Projeto de Vida dos jovens

Um livro que propõe percursos de aprendizagem que possibilitem aos jovens assumir a responsabilidade por si mesmos e participar ativamente da transformação social de suas comunidades. São três módulos programáticos: a Jornada da Autodescoberta; a Jornada da Descoberta do Outro; e a Jornada da Construção do Nós. O livro é resultado da parceria entre a Ashoka e o Grupo Santillana, uma das maiores editoras de livros didáticos do mundo.

Escolas2030

Um programa global de pesquisa-ação com o propósito de criar novos parâmetros de avaliação da aprendizagem com base na prática da educação integral e transformadora, visando garantir o Objetivo do Desenvolvimento Sustentável 4 (ODS 4). Com duração de 10 anos (2020 a 2030), a iniciativa é realizada no Brasil, Afeganistão, Índia, Paquistão, Portugal, Quênia, Quirguistão, Tajiquistão, Tanzânia e Uganda, envolvendo 1000 organizações de todas as etapas da Educação Básica. Você representa uma escola ou organização educativa inovadora que funciona como um **"laboratório de inovação"** para a educação integral e transformadora? Então saiba mais e escreva para nós se quiser se habilitar a participar do programa: brasil@ashoka.org

Movimento de Inovação na Educação

Quer ficar por dentro das inovações dos projetos político-pedagógicos de escolas e organizações educativas? Acompanhe o Movimento de Inovação na Educação que publica notícias, análises, agendas e recomendações para ampliar a demanda por uma educação integral e transformadora. Uma iniciativa da Cidade Escola Aprendiz e a Ashoka.

Você tem entre 12 e 19 anos?

Identificou um problema social urgente e perturbador?

Criou uma equipe para resolver esse problema?

Siga as nossas redes sociais e saiba como e quando se candidatar para ser Jovem Transformador Ashoka.

ashoka.org

@ashokabrasil

/ashokabrasil

ashoka-brasil

brasil@ashoka.org

Mais informações

Em um mundo definido pela mudança,
todas as pessoas podem contribuir,
todas têm potência,
todas são transformadoras.

Conheça e compartilhe as histórias de #JovensTransformadores

Participe deste movimento.

Jovens Transformadores HISTÓRIAS

ASHOKA